

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Juliana Cordeiro Dias

**O gosto da *modernidade* e a construção da personagem Elizabeth Bennet no romance
Orgulho e preconceito, de Jane Austen**

DELMIRO GOUVEIA

2024

Juliana Cordeiro Dias

**O gosto da *modernidade* e a construção da personagem Elizabeth Bennet no romance
Orgulho e preconceito, de Jane Austen**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado à Banca Examinadora do Curso de
Letras – Língua Portuguesa da Universidade
Federal de Alagoas - UFAL, *Campus do Sertão*
Delmiro Gouveia, como requisito final à obtenção
do título de Licenciatura em Letras – Língua
portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

DELMIRO GOUVEIA

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

D541g Dias, Juliana Cordeiro

O gosto da modernidade e a construção da personagem Elizabeth Bennet no romance *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen / Juliana Cordeiro Dias. – 2024.

56 f. : il.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Literatura inglesa. 2. Romance inglês. 3. Orgulho e preconceito. 4. Elizabeth Bennet – Personagem. 5. Jane Austen - Autora. I. Silva, Márcio Ferreira da, orient. II. Título.

CDU: 82-31(410.1)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Juliana Cordeiro Dias

O gosto da *modernidade* e a construção da personagem Elizabeth Bennet no romance *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, *Campus do Sertão* Delmiro Gouveia, como requisito final à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa.

Aprovado em 05/04/2024.



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL) ORIENTADOR

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FABIA PEREIRA DA SILVA**
Data: 18/04/2024 18:35:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva (UFAL)
EXAMINADORA INTERNA

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA**
Data: 18/04/2024 16:49:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (UFAL)
EXAMINADOR INTERNO

Dedico este trabalho a Deus;

À minha família, especialmente aos meus pais;

Ao meu irmão, meu noivo Welson, ao meu tio Marivaldo Cordeiro; à memória dos meus avós, Antônio Cordeiro e Eurides Pereira.

[Darcy] “Uma vez perdida a boa opinião que tenho de uma pessoa, está perdida para sempre.

— Isto é realmente um defeito — exclamou Elizabeth. — O ressentimento implacável é um traço que marca um caráter. O senhor soube escolher bem o seu defeito. Realmente, não posso me rir dele. *Não precisa ter medo de mim*”.

(AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. 2018, p. 44-45).

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, por estar presente em minha vida, guiando-me, enchendo de luz meus pensamentos e dando-me forças até o fim dessa jornada;

Aos meus amados pais José Dias, Mariana Cordeiro Dias e ao meu irmão Daniel Cordeiro Dias que me acompanharam nessa caminhada, onde encontrei força e coragem quando me senti insegura, com medo, mas aos seus conselhos e apoio pude acreditar que era capaz e segui em frente e não ter desistido de todas as formas;

Ao meu noivo Welson Soares Gonçalves, por todo apoio, ajuda, segurança e por sempre ter estado comigo em todas as situações, seu apoio foi essencial para que eu pudesse chegar até aqui;

Ao meu professor orientador, Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva, que aceitou o desafio de estar me acompanhando nesse trabalho, mas principalmente pelas orientações sempre claras e objetivas, pela confiança que depositava em mim, e por sempre me receber muito bem com carisma, entusiasmo, e sempre passando segurança, minha eterna gratidão por além de ser professor, ser humano, fiz a escolha certa em ter você ao meu lado nessa árdua jornada de estudo e pesquisa;

Aos professores Prof. Dra. Fabia Silva e Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (UFAL), por aceitarem compor a banca examinadora desse trabalho;

Aos meus colegas e amigos de classe, pela amizade, companheirismo, mesmo que em algumas vezes isso nos passou batido, devido a tantos trabalhos, apresentações, seminários, vida familiar; enfim, obrigada por em meio momentos difíceis ter deixado mais leve. Especialmente aos meus amigos Maria Aparecida, Ana Izabel, Mayara Araújo, Júlio Cezar e Felipe Ramon, por estarem sempre presentes em minha vida acadêmica;

Agradeço também as minhas amigas e colegas fora de classe, especialmente Maria Rita Nobre, Raianne Nunes, Herlanne Santana, Joel Vieira, Regina Rodrigues, Carla Ludmila, Maria Eduarda Monteiro, Maria Clara Gomes que foram essenciais com todo apoio na minha jornada;

Por fim, minha gratidão a todos que de uma forma ou outra, ao longo desses anos, contribuíram para minha formação, mesmo que em passagens breves.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a personagem Elizabeth Bennet, do romance **Orgulho e preconceito** (2018), de Jane Austen, tomando como condição estética o gosto pela modernidade que a personagem carrega ao longo da narrativa a partir dos séculos XVIII e XIX e vendo a construção da personagem como ato revolucionário. A pesquisa se fez a partir de um levantamento de dados biográficos sobre a autora, bem como leituras teóricas sobre a teoria do romance, o romantismo inglês, mostrando uma época em que a sociedade distingue e constrói certos modelos sociais, como a necessidade do casamento para as mulheres. Os meios da pesquisa foram do tipo qualitativa, descritiva e de base bibliográfica. Para os referenciais teóricos foram utilizados Cevalco & Siqueira (1985), Watt (2010), Zardini (2013) e Cardoso (2022), e outros, que darão base ao desenvolvimento do trabalho proposto. Como resultado da pesquisa, destaca-se a obra de Jane Austen como importante para a literatura e a sociedade, destacando-se, assim também, a presença de Austen enquanto escritora em uma época em que a mulher estava fora dos moldes convencionais da sociedade naquele tempo.

Palavras-chave: Literatura, Personagem, Romantismo, Jane Austen

ABSTRACT

This research aims to analyse the character Elizabeth Bennet in Jane Austen's novel **Pride and Prejudice** (2018), taking as an aesthetic condition the taste for modernity that the character carries throughout the narrative from the 18th and 19th centuries and seeing the construction of the character as a revolutionary act. The research was based on a survey of biographical data on the author, as well as theoretical readings on the theory of the novel, English romanticism, showing a time when society distinguishes and constructs certain social models, such as the need for marriage for women. The research methods were qualitative, descriptive and bibliographical. The theoretical references used were Cevalco & Siqueira (1985), Watt (2010), Zardini (2013) and Cardoso (2022), among others, which will provide the basis for the development of the proposed work. As a result of the research, Jane Austen's work stands out as important for literature and society, highlighting Austen's presence as a writer at a time when women were outside the conventional moulds of society at the time.

Keywords: Literature, Character, Romanticism, Jane Austen

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. HISTÓRIA E LITERATURA INGLÊSAS	12
2.1 Do Romantismo e o movimento revolucionário da época	21
2.2. Jane Austen entre o Romantismo e o Realismo	25
3. A PERSONAGEM ELIZABETH BENNET E A MODERNIDADE	29
3.1 Austen e a novidade estética no romance	30
3.2. Há diálogo com o realismo em Austen	32
4. PERSONAGENS ALÉM DA MEDIDA ESTÉTICA	34
4.1. Austen e <i>as boas tias de Steventon</i>	39
4.2. O fato social e o dilema das personagens	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar a história e a literatura inglesa, apontando o movimento do Romantismo no século XIX, marcando por características aristocratas e divisão social. Dentre os escritores, Jane Austen e seu romance **Orgulho e preconceito** são nosso objeto de pesquisa, cujo recorte é a análise da personagem Elizabeth Bennet, observando como o narrador no romance delinea a condição social da personagem e como ela tenta fugir às convenções sociais.

O narrador de Austen representa o papel das mulheres da sociedade do século XIX, apresentando de forma irônica o desconforto das personagens, e principalmente de Elizabeth, diante das limitações a que era submetida. As situações de obrigações e domínio social são representadas em lugares e situações, uma vez que o romance é um rico exemplar da sociedade daquele século.

O romance retrata vários pontos importantes que eram frequentes naquela época, descrevendo as desigualdades de gênero e de classes. Com sua escrita, Austen inova ao criar personagens verossímeis que se ambientam em uma sociedade cada vez mais aristocrata, machista e elitista.

A abordagem desta pesquisa é de caráter qualitativo, pois, se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, ou organização, ou similares (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Portanto, por meio desta pesquisa qualitativa do tipo descritiva e de natureza bibliográfica, preocupando-se então com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados; se concentrando assim na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais, como se apresenta no romance ora pesquisado, além de produzir informações aprofundadas para a produção de conhecimento e para o compartilhamento de informações.

Em relação aos objetivos, esta é uma pesquisa descritiva, uma vez que descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Podemos afirmar que essa realidade é ficcional, portanto, tanto o romance, o enredo e seus personagens aportam para algo que está representado no mundo, como o caso da família Bennet.

Para referencial teórico foram utilizados Cevalco & Siqueira (1985), apresentando como é dividida a literatura inglesa. Watt (2010), discute a origem e o desenvolvimento do gênero do romance na literatura inglesa do século XVIII; Zardini (2013), explorando o papel das personagens femininas no romance **Orgulho e Preconceito**, como são representadas e como suas identidades são construídas ao longo da narrativa; e Cardoso (2022), também explorando a representação dessas mulheres, a partir de outras bases teóricas.

Na primeira seção intitulada “História e Literatura Inglesas”, será discutido sobre os mais variados estilos de época da literatura inglesa. Aqui, podemos dizer que foi explorado e explicado sobre os diferentes estilos de época, expondo seus acontecimentos e suas características, bem como refletindo a evolução e costumes de cada período. Destacamos a posição do romance de Austen no movimento romântico inglês, bem como a relação da obra com aspectos realistas, movimento que se expande a partir da segunda metade do século XIX na França, Alemanha, Inglaterra e no Brasil.

Na segunda seção “A personagem Elizabeth Bennet e a Modernidade”, analisou-se a figura de Elizabeth Bennet, mulher forte e independente com coragem para enfrentar e desafiar as normas estabelecidas pela sociedade, e o diálogo com o movimento estético realista, em suas características iniciais, como também em seu desenvolvimento ao longo da trama. Somado a isso, a pesquisa nos levou a pensar sobre o papel de “modernidade” assegurado a Elizabeth. O termo se refere aos movimentos históricos e sociais, como a Revolução Francesa, como fato fundamental para a representação do pensamento de Elizabeth Bennet.

Na terceira seção “Personagens além da medida estética”, destacou-se cada uma das principais personagens femininas da obra **Orgulho e preconceito**, de Jane Austen, mostrando como as relações sociais se constroem no plano das camadas sociais.

Na quarta e última seção “Personagens além da medida estética”, observou a presença e ação da personagem Elizabeth diante dos dilemas sociais pelos quais as exigências aristocratas são apresentadas a ela. Elizabeth surge com um contraponto às ideias sobre o marido e o casamento, por exemplo, expondo sua posição e crítica sobre a conduta social da época. Assim, isso a faz ser construída com o tom de modernidade, haja vista que os ideais modernos já se desenvolviam com as máximas da Revolução Francesa e do liberalismo.

2. HISTÓRIA E LITERATURA INGLESA

O trabalho tem como finalidade inicial explorar os mais variados estilos de época da literatura inglesa trazendo pontos importantes na qual tem o propósito de mostrar o quanto ela passou por diversas mudanças desde o seu início. Esta seção possui como fundamento base explorar e explicar sobre os mais diferentes estilos de época da literatura inglesa, expondo seus acontecimentos e suas características, onde também reflete a evolução, e costumes de cada período.

Dando destaque para uma das primeiras obras, na literatura, sendo ela o poema épico **Beowulf**, sendo escrito por um autor anônimo, em meados do século VII, durante o período medieval, onde a obra retrata um herói de uma tribo escandinava, e suas aventuras. Realçando também o período romântico que foi um movimento artístico formado no final do século XVIII, podemos afirmar que as obras daquele período eram voltadas para histórias de amor, intrigas sociais e possuía uma certa melancolia de alguns autores, sendo um deles Willian Shakespeare (1564-1616). No realismo que surgiu no XIX temos uma representação de fatos de uma forma mais objetiva, buscando ser autêntico e dando destaque a problemas sociais. Podendo ser citada a obra Madame Bovary (1856), de Gustave Flaubert (1821-1880), sendo ele o primeiro autor a escrever um romance realista.

Tendo em mente que todas as literaturas são de fundamental importância para a sociedade, a literatura inglesa não é diferente. Com uma continuidade mais detalhada sobre a literatura de época, vamos falar sobre a literatura medieval.

Na literatura medieval inglesa (500-1500), podemos observar desde o seu início um grande avanço na questão cultural e principalmente, linguística, tendo como um dos destaques os Anglo-Saxões (450-1066), com o poema já citado anteriormente, Beowulf “supõe-se que o poema tenha sido registrado na forma escrita pela primeira vez, entre 680 d.C. e 725 d.C., na Nortúmbria, reino pertencente a região hoje conhecida como Inglaterra” (MAGALHÃES,2008, p. 290). Nessa obra, relatam-se as vivências desse herói ao lutar contra monstros e exércitos, ou seja, a obra evidenciava a bravura desse povo guerreiro, por meio de seu personagem principal. Esse período fica marcado com uma expressão da tradição oral, que combina elementos da cultura germânica com o amor pela narrativa heroica.

Esse povo prezava seus guerreiros e as virtudes do Lord, que os protegia e respeitava, recebendo deles, em troca, total fidelidade. Se, no poema, não há conflito do homem versus homem, há do homem com o Mal, simbolizado na força destrutiva dos monstros que Beowulf tem que enfrentar e que, apesar de sua coragem heroica, terminam por matá-lo (CEVASCO; SIQUEIRA,

1985, p. 7).

Um dos grandes expoentes da poesia da literatura inglesa foi Geoffrey Chaucer, um londrino, nascido aproximadamente no ano de 1343, tendo vivido até meados de 1400. Filho de um homem ligado ao comércio de vinhos. Quando contraio matrimônio teve a chance de entrar para uma família de classe elevada para os padrões da época, na qual observou maneiras e o comportamento nobre, viu desenvolvimento científico, artístico e literário francês e italiano. Por esse motivo, Chaucer acabou sendo um dos mais equipados poetas ingleses. Seu trabalho que mais se destacou foi, **The Canterbury tales (1387)**, que narra a ida de 29 viajantes peregrinos rumo a Canterbury.

Burgess também faz referência ao tipo de obra escrita por Chaucer, que parte da observação da vida como era de fato vivida, imagens de pessoas que eram *reais* (não meras abstrações livrescas) e uma visão da vida que, com sua tolerância, humor, ceticismo, paixão e amor pela humanidade, só podemos chamar de “moderna” (BURGUESS, 2003, p. 40).

Já em relação ao outro período que marcou a cronologia dos estilos, temos o Renascimento, esse que se destaca como um momento de renovação na cultura e criatividade, nas artes. Como próprio nome já diz, trazendo como significado, nascer de novo.

Nascer de novo em termos culturais, artísticos, religiosos e políticos, questionando o poder e a autoridade em busca de liberdade: “o mundo teocêntrico medieval dá lugar a um *admirável mundo novo*, em que o homem ocupa o centro do palco” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 13 – Grifo dos Autores).

Ele deixou uma impressão constante na literatura inglesa, influenciando autores e esculpindo obras que reverberam até os presentes dias. É necessário evidenciar alguns elementos do estilo renascentista, como destaque o retorno à antiguidade clássica, o culto à individualidade e à inovação literária, e as obras que davam forma a essas características.

Foi um período que ficou conhecido também como época elisabetana. Pois, foi no momento histórico no qual a Inglaterra tinha como sua monarca Elizabeth I (1588-1603). Como fez referência Cevasco e Siqueira (1985, p. 14), “é uma época de extrema criatividade, que não mais se repetirá (...) na história da literatura inglesa”. Foi conhecida como a ‘época de ouro’. Uma das bases centrais do estilo renascentista foi a procura pelo ressurgimento da Antiguidade Clássica. Autores renomados como William Shakespeare (1564-1616), Edmund Spenser (1552-1599) e John Milton (1608-1674), emulam a forma e tema como a literatura era expressa, atraindo em suas obras novos meios inspirados nos valores poéticos e mitos daquela época.

Não somente na literária, a economia e a política da Inglaterra iam muito bem, o país era uma das principais potências da época, pois, sua monarca desempenhara um excelente trabalho de reconstrução. A reforma religiosa tirou o poder da Igreja, fazendo com que o rei fosse a autoridade maior da doutrina, moral e interpretação das Escrituras Sagradas.

O estilo também valorizou veementemente a individualidade e expressão singular. Escritores como Christopher Marlowe (1564-1593), que acabou explorando novas formas literárias, como o teatro elisabetano e os famosos sonetos, na busca por novas formas de expressão da comunicação de ideias e emoções, abria espaço para um terreno fértil de experiências e criatividade literária.

Os escritores ingleses enfrentaram grandes dificuldades pela frente: “os monarcas governam” por especial desejo e proteção de Deus” e não hesitam em mandar matar quem se oponha a eles”. Ou seja: nada de críticas à política, ao pensamento oficial, à história inglesa (CEVASCO; SIQUEIRA, p. 17, 1985).

É necessário, salientar obras imprescindíveis do período como o **Soneto 18 (1609)** de William Shakespeare, onde o enfoque é atemporalidade do amor e da beleza, assim como épica Rainha das fadas de 1590, seu autor Edmund Spenser (1552-1599), tendo como base as epopeias clássicas para desenvolver uma alegoria da virtude política. Em suma, o estilo deixou marcas na literatura inglesa, promovendo uma compreensão da antiguidade Clássica e gerando a criatividade individual.

Sabe-se inacreditavelmente pouco sobre ‘Gulielmus, filius Johanes Shakspear’ (William, filho de John Shakespeare), o cidadão batizado nesses termos em 26 de abril de 1564, nascido alguns dias antes, não se sabe bem quando, e morto em 1616, aos 52 anos, no dia 23 de abril, que se convencionou adotar também como a data de seu nascimento, possivelmente por coincidir com o dia de são Jorge, padroeiro da Inglaterra. Não há anotações, diários ou cartas, nada que ele tenha deixado e que pudesse trazer muita luz sobre sua vida e obra (FRANCO; FARNAN, 2009, p. 15).

Além disto, é o estilo de época da Restauração na literatura inglesa. Durante esse período, a Inglaterra passou pela ascensão da monarquia restaurada e uma série de modificações sociais, políticas e culturais. O objetivo principal a ser destacado é a influência histórica, a evolução dos gêneros literários e as obras com seus autores representativos. Usando uma visão crítica e explorando a literatura que moldou e transformou esse período. Após, um momento conturbado na política e até mesmo o acontecimento de uma guerra civil, a restauração na Inglaterra trouxe mudanças de paradigmas. Não somente pela retomada da

monarquia, mas também por uma profunda reconstrução da sociedade e da cultura.

O período tem como marcas um ambiente de transição política e social, onde ocorre a restauração política com a ascensão de Carlos II, de 1660 a 1668. De acordo com Burgess, “mostram-nos um Stuart cínico e um Stuart fanático exaurindo até o fim a dinastia Stuart” (BURGESS, 2003, p. 144), após anos de regime puritano, que ficou marcado pela instabilidade, desse modo a sociedade ansiava por uma sensação de normalidade e entretenimento. Ele era apoiador da igreja católica, e tinha visão absolutista forte. Guilherme Orange, sobrinho e genro de Jaime II, era protestante e que encontrava apoio no exército para começa a Revolução Gloriosa de 1688. Essa revolução expulsa o rei que se achava o todo-poderoso e firma-se um compromisso:

É um compromisso entre o republicanismo fanático dos puritanos e o absolutismo fanático dos dois destinados Stuarts; consolida-se uma monarquia limitada (um governante real com relativamente pouco poder) e um sistema parlamentar que se orienta lentamente em direção à verdadeira democracia (BURGESS, 2003, p. 144).

A literatura da restauração ficou marcada por ser mais intelectual e não emocional, não é comovida, nem comovente. Uma literatura com mais razão, sem paixões, sem sentimentos e imaginação. São fortes convicções, temas urbanos, políticas, sociedade educada e cultura, tópicos intelectuais. Seus pensadores viam essa era tendo como base os avanços da ciência, para eles esses saltos científicos trariam uma releitura, ou seja, um novo momento igualitário e cheio de progressos. Mas, a restauração testemunho também, um avanço e uma evolução sem precedentes dos gêneros literários. Com destaque a Comédia de Costumes, caracterizado por uma análise dos modismos sociais, como destaque temos autores como; William Wycherley (1641-1716) e William Congreve (1670-1729), com peças como **A Esposa do Campo** (1675), de Wycherley, e **O caminho da palavra** (1700), de Congreve, que exploravam as dificuldades das relações amorosas e sociais. Em relação à poesia, o estilo teve autores com John Dryden (1631-1700), “é ele o primeiro a saudar a nova era, comparando-a ao restabelecimento do império em Roma por Otávio Augusto César, em 31 a.C.” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 38). Para muitos, essa época se denominava “Agustina”. Ele escreveu Absalon and Achitophel (1681), parafraseando a história bíblica, Dryden faz uma violenta e inspirada crítica aos políticos corruptos da época.

Dryden foi também crítico literário, inaugurando na Inglaterra a tradição do poeta que é também grande crítico. Seus cânones classicizantes irão influenciar toda a poesia do século XVIII e, em especial, a de Alexander Pope (1688-1744). A literatura da Restauração Inglesa mostrou e inspirou as

modificações da época. Como um espelho crítico para sociedade em transformação. Por meio de suas análises históricas, evolução dos gêneros literários e das e autores representativos (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 39).

Destaca-se do mesmo modo, o estilo literal de época o denominado de Vitoriano, que compreendia o período de aproximadamente 1837 a 1901. Ou, mais especificamente o reinado da Rainha Vitória, esse que marcou uma era de transformações significantes no ponto de vista social e industrial. A monarca ficou 63 anos no mais alto posto da Inglaterra, assumiu o trono por causa da ausência de um herdeiro, pois, seu tio Guilherme VI morreu e não deixou nenhum sucesso para o trono.

Embora Vitória só tenha morrido em 1901, muitas das características marcantes da era vitoriana já desapareciam nos últimos anos de seu reinado. Os Estados Unidos despontavam como potência econômica, os produtos industriais alemães competiam com os britânicos, os trabalhadores começavam a se organizar e a pressionar por melhores condições. É o começo do fim da supremacia da Inglaterra no mundo (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 62).

A rainha reinou em um tempo de grande crescimento industrial e de modificações que ecoam até a presente data. Ganham força a complexidade, no contexto social a famosa **Revolução industrial (1760-1840)**, mesmo que por um curto momento, essa sendo pedra fundamental para mudanças radicais na passagem dos séculos, principalmente economicamente e socialmente. Esse movimento acabou desencadeando discussões nas questões de classe, urbanização e até mesmo desigualdade. Esses temas foram pilares que refletiram na literatura, que explorou por muitos momentos as tensões entre os diferentes modos de estratos sociais e as principais consequências da industrialização.

O estilo vitoriano exibiu características literárias distintas, que incluía um foco com riqueza de detalhes nas descrições e na análise das emoções e vivências humanas. Literatos como Charles Dickens (1812-1870), em trabalhos como **Oliver Twist (1838)** e **Great Expectations (1860)**, considerada uma das mais bem estruturadas do autor, destacaram as injustiças sociais e a luta das classes, utilizando sua habilidade como fermenta para fazer críticas sociais.

Dickens é inculto, seu estilo é grotesco, deselegante. Mas tem um ouvido atento aos ritmos da fala dos que não têm educação, e não tem medo nem da vulgaridade, nem do sentimentalismo. É essa completa falta de inibição que cria uma atmosfera de vitalidade arrebatadora e de calor humano que pode derivar para uma choradeira embaraçosa como na descrição da morte de Nell em A loja de antiguidades. (BURGESS, 2003, p. 219).

Além de Dickens, Alfred Lord Tennyson, Poeta Laureano, na **obra In Memoriam (1850)**, transmitido o espírito da era vitoriana, refletido sobre a fé, morte e o progresso da ciência. Ele era muito próximo da rainha Vitória, que tinham uma certa admiração por ele. “Tennyson peca pela superficialidade de sua visão de mundo e por um certo artificialismo, aceitando sem questionamento os ideais vitorianos” (Cevasco e Siqueira 1985, p. 61). As famosas Irmãs Brontë, Charlotte, deixou **Jane Eyre (1847)**, Emily, o famoso, e único romance escrito por ela, O morro dos **Ventos Uivantes (1847)**, e Anne – deixou **Agnes Grey (1850)** e **O senhor de Wildfell Hall (1848)**, ambos desconhecidos na literatura mundial, as irmãs procuravam focar em temas de amor, paixão e independência da mulher. Esse período é um reflexo complexo e multifacetado de uma época cheia de mudanças e reformulações. Os escritores citados, entre outros, foram exímios exploradores das tensões sociais e econômicas de sua era. Que permanecem como uma fonte de insights sobre a natureza humana e a sociedade.

Não apenas existe uma necessidade de explorar o estilo eduardiano, sendo destacado no período de 1901 a 1914. Foi o tempo em que esteve sobre a governança de Eduardo VII, com mudanças nas abordagens literárias e impactos representativos. Pode ser abordado visões e interpretações inovadoras desse tempo. Por muitos momentos esse período, foi subestimado ou até considerado uma continuidade da Era Vitoriana, merece ser mais aprofundado. Sobre o reinado de Eduardo VII, a Inglaterra industrializada, continuou a testemunhar transformações no campo social e tecnológico.

O início do século XX trouxe desafios e novas oportunidades para sociedade inglesa, pois a Revolução Industrial havia transformado o cenário que antes era rural em espaço urbano, a introdução tecnológica caminhava a passos largos para uma mudança na forma em que as pessoas se socializam e percebiam o mundo ao seu redor. O contexto da era eduardiano moldou as respectivas literárias, sociais e psicológicas.

O estilo literal eduardiano não deve ser visto como mera continuidade da era vitoriana. Esse período viu uma aplicação nas fronteiras literárias, introduzindo novas abordagens. Alguns escritores frequentemente exploram a psicologia dentro de suas personificações e demonstrava as relações e seus percalços. Em **Howars End (1910)**, E.M. Forster (1879-1970), procura exemplificar o foco nessa linha, ele de forma detalhada examina as mudanças sociais por meio do viés psicológico. Ele demonstra que as relações interpessoais representam a única possibilidade de entendimento de um mundo caótico. A poesia da era também propiciou espaço para a criatividade e a introspecção. WB Yeats (1865-1939), em seu poema **The Second Coming (1921)**, buscou captar o clima de incerteza e

atualização, com exploração a temas como transformação e decadência.

Dedicando-se inicialmente a temas irlandeses, em sua evolução artística a poesia de Yeats aproxima-se dos mistérios da imaginação, dedicando-se a temas da mitologia, do esoterismo e mesmo da magia. Seu estilo evolui da expressão quase que decorativa -ainda próxima aos pré-rafaelistas - e alcança uma simplicidade e um domínio absoluto do verso, em que a beleza da forma despojada é irresistível (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 67).

Podemos dizer que o estilo Eduardiano na literatura inglesa, emerge um foco com uma visão renovada e um aprofundamento enriquecedor que muitas das vezes considerado obscuro. Pode-se entender que o período não é só extensão da era vitoriana, pois, traz uma visão contemporânea com vozes distintas que ocorrem nesse intervalo temporal.

Como os demais estilos, é interessante se fazer um apanhado de ideias sobre outro estilo importante como outros já citados anteriormente. O comportamento de época de nome Georgiano, período relevante para literatura Inglesa, que teve como espaço temporal os anos de 1910 a 1936. Teve como marca o reinado do rei George V, o foco é descobrir as visões tradicionais desse período.

Embora haja entre eles poetas de talento, como Walter de la Mare (1873-1956), a poesia dos georgianos, de modo geral voltada para a celebração da natureza e dos sentimentos, não abre novos caminhos e é considerada pelos críticos muito mais como retrocesso que como revolução (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 74-75).

O momento de época da literatura Inglesa, denominado de Período Georgiano, foi desenvolvido durante um lapso temporal de mais um pouco mais de duas décadas e meia, é frequentemente eclipsado por sua vizinhança temporal com a Era Vitoriana. Porém, esse momento de transição foi marcado por grandes desafios globais e alterações no contexto social. É possível ver um momento que influenciou até mesmo as gerações futuras.

Uma guinada na produção poética e um realinhamento dos grandes valores do passado. É nos metafísicos do século XVII que ela vai buscar a complexidade intelectual que faltava aos vitorianos. O poema passa a ser o significado e não a experiência pessoal do poeta, tão central aos românticos (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 75).

É possível salientar que durante esse momento do reinado de George V, ocorreram fatos de grande turbulência global, o mais relevante foi a Primeira Grande Guerra Mundial e seus efeitos catastróficos, esse trauma ficou refletido em trabalhos como **Dulce et Decorum Est** (1920), de Wilfred Owen (1893-1918), era também militar, na sua obra ele questiona os atos heroicos e o patriotismo, expondo as tragédias da guerra de maneira crua. Outro fato

relevante foi o surgimento, ou seja, o início da modernidade.

É importante destacar processos sociais, que foram bastante enfatizadas na literatura Georgiana, ascensão da classe trabalhadora foi um dos temas, além disso, o movimento feminista e a crise de identidade nacional. Obra, como **Mulheres Apaixonadas** (1920), de D.H. Lawrence (1885-1930), faz uma exploração sobre as relações humanas de forma profunda e desafiadora, abordando dificuldades no amor, sexualidade e conexões emocionais. Outra questão que marcou a literatura foi as crescentes ideias desenvolvidas sobre a problemáticas psicológicas. Assunto que foi exposto em **Ulysses** (1922), de James Joyce, explora a mente humana de forma experimental e inovadora, usando algumas técnicas como monólogo interior e o fluxo de consciência.

O irlandês James Joyce (1882-1941), levou o romance a uma tal distância que muitos críticos afirmam, ainda hoje, às portas do século XXI, que não somos modernos o suficiente para ler Joyce -se não o de *Ulysses*, certamente *finnegans Wake*. Neste, através do sonho do personagem principal, H. C. Earwicker, Joyce tenta focar toda história da humanidade. O romance procura reproduzir estrutura do sonho: palavras são distorcidas, juntadas uns às outras, o ritmo é tão importante quanto na poesia (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 79).

Ao descrever fatos desse período, é possível destacar que a literatura Georgiana nada mais é do que um espelho que vive em constante mudança e que as obras e seus autores transcendem o seu tempo. Por meio de seus posicionamentos é possível ver um período de grandes estabilidades políticas, econômicas, mas, que não deixou de marcar sua época com grandes trabalhos.

Por fim, não menos importante, temos uma análise sobre o movimento moderno, que se concentrou com mais destaque no período após a Segunda Guerra Mundial. Passou por mudanças que transformam a humanidade para sempre, e que abalaram também a cultura, sociedade e política de todo o planeta. Com foco já definido na inovação e na desconstrução do convencional, uma nova luz sobre este período e de modo bastante crucial busca-se estabelecer.

Em um período de mudanças radicais na sociedade e na cultura. O Segundo grande embate, abalou profundamente todo o planeta. Colocando em pauta toda a estrutura tradicional das instituições. Autores, como, por exemplo, Aldous Huxley (1894-1963), escreveram sobre as mudanças em obras como **Admirável Mundo Novo** (1932), “a assustadora visão de um futuro em que a tecnologia acabou com os sofrimentos, mas também com a grandeza do homem” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 82).

Huxley captou bem certos aspectos do mundo entre- -guerras, onde já se dera a ruptura da estabilidade e do otimismo vitoriano. O progresso científico, que já fora saudado por muitos como a redenção da humanidade, é visto causticamente por Huxley, para quem a ciência não poderá nunca eliminar a tolice do homem (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 82).

Com uma linguagem inovadora e experimentação literária, essas foram peças fundamentais para o período. George Orwell (1903-1950), confrontou as bases convencionais em seu trabalho *Nineteen Eighty-Four* (1949), apresentando uma posição de mundo totalitário, Orwell escreveu romances de cunho social, nos quais seu talento de repórter lhe permitia um enfoque acurado de aspectos da realidade da década de trinta” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 82). Outro livro que também foi um grande marco na sua carreira como escritor foi *1984*, que escreveu quando estava morrendo de tuberculose. De acordo com o site **History** (2019, s. p.),

No romance, Orwell mostrava aos leitores o que aconteceria se o governo controlasse cada detalhe da vida de uma pessoa, até o próprio pensamento. Um dos personagens da obra é o “Big Brother” (ou Grande Irmão), que é uma propaganda do governo, que alega zelar e observar as pessoas.

Samuel Beckett (1906-1989), foi um revolucionário, de família burguesa e protestante, no teatro com peças como **Esperando Godot** (1953), explorando a absurdez da existência humana.

O conceito de “absurdo”, que deriva exatamente dos escritos de Albert Camus, mostrava o homem menos como uma maravilha renascentista com controle sobre o universo e mais como uma criatura solitária confrontada por um vasto vazio indiferente, no qual seus atos não têm significado, mas precisam ser realizados para confirmar sua identidade humana. O homem existencial, afirmando-se desesperadamente, estoicamente sem esperança e ainda assim curiosamente heroico, fora o herói de Camus assim como do de Jean Paul Sartre, mas ele foi sucedido, nas peças e romances do irlandês Samuel Beckett [...] (BURGESS, 2003, p. 242).

Esses profissionais inovaram e usaram técnicas para transmitir suas mensagens narrativas que não eram tradicionais. Por esse, motivo ganharam destaque e até hoje se debate sobre a participação e contribuição deles, no período moderno da literatura Inglesa.

Esse trabalho ofereceu uma perspectiva inovadora do modernismo e dos demais estilos de época da literatura Inglesa. Várias foram suas contribuições para as expectativas de ideias inovadoras debatidas e trabalhadas em cada um dos períodos, além, da quebra de paradigmas convencionais. Foi possível ver autores e obras que fizeram análises especiais sobre as situações sociais, culturais e políticas. Outro período de destaque que será debatido, analisado e estudado é o Romantismo na literatura Inglesa que trará novas ideias necessárias

para a continuidade desse trabalho.

2.1 Do Romantismo e o movimento revolucionário da época

O Romantismo é um movimento literário e artístico que surgiu na época das revoluções nos séculos XVII e XIX. Foi um período em que teve grandes mudanças na literatura inglesa e na cultura ocidental, destacando também várias transformações políticas, sociais e econômicas onde tem destaque a Revolução Francesa (1789-1799) e a Revolução Industrial (1760-1840). “Recém-saída de uma guerra vitoriosa contra Napoleão, a Inglaterra vê ameaçada sua paz interna. O país está passando da estrutura agrária para a industrial” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 46). A Revolução Francesa iniciou na França, no final do século XVIII. Antes do processo revolucionário, a sociedade contava com a participação dos camponeses e das classes urbanas que viviam em um estado de extrema pobreza de vido aos altos privilégios da aristocracia francesa. Já a revolução industrial teve início na metade do século XVII e foi um período de grande avanço e desenvolvimento tecnológico onde a mão de obra foi substituída por máquinas e acabou sendo um ponto fundamental para o início do capitalismo.

As tentativas de organização do que hoje chamamos de sindicatos são violentamente reprimidas. As classes mais favorecidas temem um conflito das proporções de uma Revolução Francesa, que, em 1789, acendera a esperança de igualdade, fraternidade e liberdade na Europa (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 46).

Esses acontecimentos proporcionaram um certo impacto na sociedade, onde se teve a aceitação das emoções e os sentimentos como forma válida de experimentar a vida, ou seja, esse período transformou a forma como os autores se relacionavam com natureza e a sociedade, fazendo com que eles explorassem o interior humano.

Nas obras produzidas nesse período se pode observar características de *Idealismo e Rebeldia*, estando presente também o *Escapismo e o Subjetivismo* que valorizavam mais os sentimentos próprios, ou seja, individuais, do que os sentimentos coletivos, sendo apresentado o sentimento de desgosto com a sociedade e sua situação social. *O Individualismo* se faz muito presente nesse movimento, pois era uma característica da burguesia da época em que se tornou mais evidente durante as revoluções do século XVIII. O poeta romântico será sempre um individualista, sem perder a visão do social. Se este por vezes o desencanta, ele buscará refúgio num mundo particular, no qual se misturam o imaginário, o sobrenatural e o exótico” para (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 47).

Alguns autores foram destaques no movimento romancista, como o escrito William Wordsworth (1770-1850), “Nasceu e foi criado no Lake District, próximo à fronteira com a Escócia, o que justifica, em parte, o imenso amor pela natureza expresso em sua poesia” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 49). Foi um dos grandes responsáveis pelo início do romantismo, e tinha como objetivo mostrar quanto o campo era importante, relatando em suas obras uma admiração muito forte, apego e exaltação com a natureza no qual ela passava a ser sua fonte de inspiração, fazendo com que o autor sempre tivesse uma linguagem simples e autêntica para transmitir seus sentimentos. Uma obra que merece destaque deste autor, que desenvolveu em conjunto com Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), “Dirige-se ao passado em nome do mistério e do maravilhoso — ao contrário de Wordsworth, que capta o presente e o dia a dia” (BURGESS, 2003, p. 201). Uma coleção de poemas de nome *Lyrical Ballads*, sendo publicada em 1798, para muitos foi o estopim para o movimento Romântico da literatura Inglesa. É possível destaca a fala de Wordsworth na obra que:

A linguagem da poesia deveria ser a linguagem dos homens e mulheres comuns, conservada sem manchas na fala das pessoas do campo. Era contra a “dicção poética”. Também se opunha ao conteúdo racionalista dos poetas augustianos; desejava uma poesia que constituísse um retorno à imaginação, à lenda, ao coração humano (BURGESS, 2003, p. 197).

Mary Wollstonecraft Godwin Shelley ou popularmente conhecida como Mary Shelly, nasceu em 30 de agosto de 1797, filha de William Godwin (1756-1836) e de Mary Wollstonecraft (1759-1797), uma escritora feminista, que acabou falecendo após problemas em seu parto. Ou seja, Mary já nasceu com forte influência dentro da sua família, pois seus pais eram do seguimento.

Por ser filha de duas personalidades de notável celebridade literária, não é surpresa alguma que eu pretendesse escrever ainda no início de minha vida. Quando criança, eu rabiscava, e meu passatempo preferido durante as horas de recreio era escrever histórias (SHELLEY, 2012, p. 9).

Aos 17 anos ela acabou conhecendo o poeta Percy Bysshe Shelley (1792-1822), onde tiveram um romance proibido, que acabou tendo uma partida repentina do casal para longe dos pais e familiares da escritora, eles não eram apoiadores dessa relação. Percy ainda era casado com sua primeira esposa e isso foi motivo de muita polêmica para sociedade da época.

O casamento do casal só aconteceu quando a primeira esposa do poeta faleceu, sendo assim ao decorrer do tempo tiveram 3 filhos, ficando somente um vivo e com isso surgiu vários traumas na vida de Mary, que acabaram tornando sua vida mais difícil, além de

conviver com críticas ao seu casamento muito libertador, onde essa ação passava a ser estranha para os moldes tão tradicionais do período.

Em 1816 o casal faz uma viagem para Genebra- Suíça, onde acontece o feito que proporciono grande parte do reconhecimento que Mary recebeu ao logo de sua história. No hotel em que ela e seu esposo estavam hospedados, também se encontrava o poeta Lord Byron (1788-1824) um grande amigo do casal, que ao começarem uma conversa empolgante sobre temas sobrenaturais, ele propôs um desafio onde todos os presentes deveriam produzir uma obra com foco no tema terror. Sendo assim Mary Shelley tem um destaque brilhante em seu conto, fazendo com que ganhe o desafio e tenha em suas mãos uma das obras mais conhecidas mundialmente o **Frankenstein** (1818), vale destaca que tinha entre 18 e 19 anos, onde parece retratar um pouco de sua vida. Não foi publicado de imediato por conta de várias críticas ao assunto abordado, mas no dia 1 de janeiro 1818, foi lançada a sua primeira edição. Tendo grande sucesso até os dias de hoje e mostrando a todas as gerações o quanto uma mulher tem sua importância e capacidade no meio da poesia independente do tempo. No final da obra acima citada, a mais célebre de autora, ela escreveu:

Adeus! Deixo-o, e com você o último ser da espécie humana a quem estes olhos jamais contemplarão. Adeus, Frankenstein! Tu buscaste minha extinção para que eu não pudesse repetir minhas atrocidades. Morto tu, cumprirei agora o teu desígnio. Acenderei minha pira funerária em triunfo e exultarei na agonia das chamas. Minhas cinzas serão varridas pelos ventos e lançadas no mar. Meu espírito partirá para a paz ou o degredo da eternidade. Adeus! (SHELLEY, 2012, p. 253).

Outro importante autor desse movimento, já referenciado, foi George Gordon Byron nascido em Londres em 22 de janeiro de 1788, vindo a falecer em 1824. “A reputação de Byron na Europa foi sempre maior do que sua reputação na Inglaterra” (BURGESS, 2003, p. 201). Era filho de um soldado e de uma jovem muito rica, teve seu título de nobreza herdado por conta da morte de seu tio-avô em 1798, sendo assim se tornou o 6º Lord Byron.

Tornando-se um dos principais poetas britânicos, trouxe consigo novas formas de poesia usando temas misteriosos, morte, melancolia e tristeza, algo que foi um dos pontos mais marcantes do movimento. Antes de sua chegada a poesia possuía assuntos diferentes como o amor, a paixão e o interesse pela natureza, a saudade e entre outros, deixando o romantismo de uma nova forma e com suas características.

Lord Byron teve sua vida cercada de polêmicas, tanto na parte amorosa onde passou um tempo casado, mas acabou se separando devido ao envolvimento com sua meia-irmã, e em suas obras onde na grande maioria desafiava a moral, a religião e a sociedade

burguesa daquela época.

Libertário e aventureiro, morreu lutando pela independência da Grécia. Mórbito, é um dos responsáveis pelo *mal-du-siècle*, sentimento que tanto influenciará, entre outros, a segunda geração de românticos brasileiros. Grande amoroso, foi obrigado a sair da Inglaterra por, após várias aventuras, ter-se apaixonado por sua meia-irmã (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 50).

Mesmo com uma personalidade diferente, conquistador, e irreverente Lord Byron deixou um legado muito forte na poesia. Seus feitos passaram a serem admirados por todo jovem poeta e também pela sociedade, fazendo com que muitos outros escritores tivessem o autor em questão como uma grande referência. “Para muitos sua obra-prima é o longo poema Don Juan. Neste, com muito humor -característica rara nos românticos -Byron critica com veemência a hipocrisia, a cobiça e a opressão que vê na sociedade da época” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 50). O irreverente e aventureiro escrito acabou morrendo longe de casa, ele lutava pela independência da Grécia quando foi morto.

Dessa forma é possível identificar a importância de todos esses autores citados da literatura inglesa no romantismo, observando que cada um dos poetas mesmo com suas particularidades possui personalidades semelhantes, onde são trabalhadas e expressadas em suas obras e poesias tão inovadoras e de grande importância para toda literatura mundial, era uma forma de colocar no papel tudo que acontecia em suas vidas em seus pensamentos, tudo aquilo que cercava a sociedade de suas épocas, sem dúvida todos os estilos foram fundamentais para história a literatura que conhecemos nos dias de hoje.

2.2. Jane Austen entre o Romantismo e o Realismo

No contexto do que se fala em relação a Jane Austen (1775-1817) entre o romantismo e ao realismo, por ter sua característica única que muitas das vezes se fazia presente no romantismo e por alguns momentos no realismo. Possuindo um posicionamento único e inovador para sua época, ou seja, por mais que tenham tentado enquadrar ela com posicionamento romântico, a escritora estava além que as características do romantismo exigiam, possuindo também ações inovadoras mesmo não tendo vivido o realismo, pois este movimento alcançou seu estopim anos depois da partida de Austen, mesmo assim suas características demonstravam que Jane tinha ideias realistas tinham a urgência de retratar principalmente as questões rotineiras e hábitos das camadas mais desfavorecidas. Sua habilidade de amalgamar as características desses dois estilos distintos confere à sua obra uma

complexidade que ressoa até os dias atuais. Como ressalta Watt (2010, p. 31),

Na verdade, o Realismo formal é a expressão narrativa de uma premissa que Defoe e Richardson aceitaram ao pé da letra, mas que está implícita no gênero romance de modo geral: a premissa ou convenção básica de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações — detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias.

A coexistência de diferentes perspectivas romântica e realista se manifesta de maneira eloquente em suas narrativas. Na obra **Orgulho e preconceito (2018)**, a trama romântica entre Elizabeth e Mr. Darcy é moldada por grandes emoções e barreiras sociais, mostrando espírito romântico da época. Assim, a abordagem realista de Austen transparece em sua análise detalhista da sociedade mostrando como de fato se comportavam e por muitas das vezes criticando de uma forma discreta, fazendo também sua representação psicológica de personagens. Seu olhar perspicaz para a vida cotidiana da classe média britânica oferece uma autenticidade que ecoa no realismo. Essas características demonstravam a dualidade da escritora em seus trabalhos.

Darcy conservou-se sentado durante alguns instantes e depois, levantando-se, pôs-se a passear pela sala. Elizabeth estava espantada, mas nada disse. Após um silêncio de alguns minutos, aproximou-se, agitado e disse: - Em vão tenho lutado, mas de nada serve. Os meus sentimentos não podem ser reprimidos e permita-me dizer-lhe que a admiro e a amo ardentemente (AUSTEN, 2018, p. 253).

Austen, assim como outros escritores do século XIX, foi ajustada pelas modificações sociais e culturais de sua época. Ao mesmo tempo que o Romantismo refletia as reações à **Revolução Industrial (1760-1840)** e à industrialização, o Realismo emergia como resposta às mudanças na sociedade e ao surgimento da burguesia, sendo um movimento onde fez com que Jane conseguisse em suas obras manter uma ironia relacionada a sociedade em que vivia, uma vez que “as diferenças vão se acentuando com o tempo até se tornarem insuportáveis; e é melhor conhecer o mínimo possível dos defeitos da pessoa com que teremos de passar a vida” (AUSTEN, 2015, p. 249), demonstrando por muitas das vezes acontecimentos que estava tendo em sua época como conflitos nas relações de classes e gênero, fazendo críticas sociais “escondidas”, ou seja, implícita em suas obras, como os equívocos que a igreja cometia na época, a escravidão que ainda se tinha muitos apoiadores e adeptos entre outras questões. Dessa forma, a autora consegue trabalhar em temas que estão

voltadas para o amor, que, ao mesmo tempo não são carregados por sentimentalismos.

Suas obras continuam tendo grande reconhecimento no meio da literatura, sendo um dos nomes mais importantes e possuindo grandes obras de sucesso sendo valorizadas até os dias de hoje. Seus personagens, como Elizabeth Bennet, buscam a liberdade e a manifestação do pensamento e autoexpressão, coisa que não era possível ou aceitável para as mulheres daquela época e, temas românticos, e a ação das complexidades humanas, características do realismo. Sua perspicácia nas interações sociais verifica autenticidade e profundidade, elementos essenciais do Realismo.

O senhor gostaria, eu sei que eu dissesse “Sim”, para ter o prazer de desprezar o meu gosto; mas eu sempre adorei desarmar este tipo de armadilha e confundir aqueles que premeditam o desprezo. Resolvi, portanto, dizer-lhe que não quero dançar absolutamente um real. E agora ouse desprezar-me! (AUSTEN, 2018, p. 267).

A análise da interseção entre o Romantismo e o Realismo em *Orgulho e preconceito* mostra uma autora cujo legado consiste na habilidade de unir aparentes contradições literárias, deixando claro de como era a frente do seu tempo, com pensamentos na qual mostrava que a escrita poderia ser leve e objetiva. A influência da autora ainda se mostra muito presente no centro da literatura, lembrando-nos de que os grandes autores não estão limitados por rótulos, mas são capazes de moldar e transcender as próprias épocas.

Palavra de honra, meu senhor, — exclamou Elizabeth —, sua esperança é algo extraordinário depois do que eu disse. Eu lhe garanto que não sou uma dessas moçoilas (se é que elas existem), tão ousadas que arriscam sua felicidade na sorte de ser pedidas uma segunda vez em casamento. Estou sendo seriíssima em minha recusa. O senhor não poderia fazer-me feliz e estou convencida de que serei a última mulher no mundo que possa dar-lhe a felicidade (AUSTEN, 2018, p. 301).

Assim, ao explorar o admirável território da autora entre dois estilos literários aparentemente distintos, podemos perceber o quanto cada um tem sua importância e que continua mostrando formas diferentes de compreender a influência de Jane Austen nos dois universos. Ao ver como se comportava e produzia de forma única e objetiva suas obras, propondo ao leitor uma reflexão e influenciando o conhecimento sobre sua época, sua vida e suas dificuldades, mostrando seu desejo em deixar registrados e acontecimentos de sua sociedade, por meio de sua visão romântica e do mesmo modo realista.

3. A PERSONAGEM ELIZABETH BENNET E A MODERNIDADE

Ao logo dos séculos, a literatura presenteia os leitores com figuras marcantes que ultrapassam às linhas e páginas, e são mantidos vivos no imaginário de toda a coletividade. Em meio a todas essas figuras do contexto literal, temos a Elizabeth Bennet, a peça principal desse trabalho, ou seja, figura central de **Orgulho e preconceito**, de Jane Austen. Podemos dizer que ela que ganha destaque como uma personagem original e multifacetada, pois, apesar do tempo em que se passa a trama, é uma personalidade moderna e à frente no seu tempo com suas ideias e opiniões diferentes do que era considerado “normal”. Nesse trabalho, já foi descrito muito sobre a personagem, mas o foco por agora é explorar a multiplicidade dessa criação da literatura inglesa, analisando suas características e desenvolvimentos ao longo da trama e sua significância no contexto da obra.

Na seção anterior, apresentamos a posição do romance de Austen no movimento romântico inglês, bem como destacamos a relação da obra com aspectos realistas, movimento que se expande a partir da segunda metade do século XIX na França, na Alemanha, na Inglaterra e no Brasil. O tom de modernidade no romance pode ser assegurado diante do sofrimento e das dúvidas vividas pela personagem Elizabeth Bennet. Segundo Barroso (2010, p. 8 — Grifo do Autor), as fabulações e artimanhas engendradas pelo narrador de Austen “servem para evidenciar seu talento de escritora, seu espírito de observação, sua penetração psicológica, ou, reafirmamos, ainda que possa parecer paradoxal, sua modernidade”.

Elizabeth Bennet é demonstrada como uma mulher de opiniões firme e realista de espírito livre, tendo como um de seus principais triunfos uma inteligência aguda e perspicácia, e incomuns para o momento em que a obra retratada. Jane Austen, desenvolveu sua personagem, conferindo-lhe peculiaridades que a distingue das demais personagens femininas da literatura da Regência Inglesa. Podemos perceber em primeiro lugar que Elizabeth é construída em uma roupagem onde sua sagacidade reflete uma habilidade única de análise e discernir sobre qualquer coisa ou acontecimento ao seu entorno, que sejam pessoas ou até mesmo lugares de sua vivência.

Tudo que cerca a personagem no desenvolvimento da obra é cercada por uma série de destrezas que colocam em questionamento todas suas convicções e preconceitos. Por agora, Elizabeth é retratada como uma jovem mulher de personalidade independente e confiante em suas próprias ideias e percepção, mas que por muitos momentos ela se baseia em julgamentos prévios, por ser essa personagem forte acabar por ser orgulhosa e preconceituosa. Toda via, ao longo da narrativa, ela é confrontada em momentos que forçam a reflexão em

relação suas opiniões, em especial no que diz respeito ao Sr. Darcy.

- Na próxima vez, Lizze - disse-lhe a mãe -, se fosse você, não dançava com ele. - Pode ter certeza, mãe, que nunca dançarei com ele. - O orgulho dele - disse a Senhorita Lucas Não me indigna tanto quanto de costume, pois é justificável. Não admira que homem tão belo, de ótima família, rico e com tudo a seu favor tenha um elevado conceito de si próprio. Se é que posso me expressar assim, ele tem o direito de se sentir orgulhoso. - Tem toda razão no que diz, e eu seria a primeira a fechar os olhos ao seu orgulho, se ele não tivesse ferido o meu - replicou Elizabeth (AUSTEN, 2018, p. 25).

A profundidade das ideias modernas de Elizabeth é demonstrada plenamente quando ela questiona suas próprias decisões e defeitos, onde ela procura confrontar seu próprio íntimo, e se dispõe a ser aprendiz de seus sentimentos mais profundos, por meio de suas experiências vividas no enredo. Sua jornada de autoconhecimento é sutil, mas intimamente impactante, tornando-a uma personagem que transborda as limitações tradicionais das heroínas de seu período.

Além dessa transformação interna da protagonista, Elizabeth Bennet também é uma importante válvula para a Autora usar como um experimento de criticar às engrenagens das normas padrões da sociedade inglesa tão tradicionalista, que tinham nas mulheres como ser de classe inferior, mesmo com todos os valores expressos por alguns delas na obra, e essa foi uma forma que a autora encontrou para que a mesma conseguisse da sua opinião sobre sua época visto que nada se podia falar, pois, ia contra as regras, dessa forma, escrever a obra foi um momento importante tanto para a autora como também para as mulheres da sociedade. Seu caráter desafiador e forte é um marco para essa geração, sua recusa em se dobrar às convenções estabelecidas a tornam essa figura de resistência e de questionamento, isso contribuir para o crescimento e ampliar a visão e os valores das mulheres.

Ao analisar profundamente a figura de Elizabeth Bennet, é notado que ela não é uma simples figura da literatura inglesa, mas uma demonstração arquetípica da mulher forte e independente com coragem para enfrenta e desafiar as normas estabelecidas pela sociedade. Sua aptidão de questionar, aprender e evoluir a torna uma inspiração atemporal para leitores de diferentes gerações, dando força a atemporalidade e a aceitabilidade da obra **Orgulho e Preconceito**.

3.1 Austen e a novidade estética no romance

A inovação estética desenvolvida na obra se revela em sua maioria por meio das personagens feminina e na subversão das expectativas em relação aos papéis de gênero. Ao

focar grande parte dessa atenção nas vivências e perspectivas das protagonistas, Jane Austen confronta as regras literárias de seu tempo, nas quais as mulheres eram deixadas de lado nas obras, ela inova ao mostrar o protagonismo de Elizabeth na obra com tantas junções estéticas de detalhes.

Dessa forma, Elizabeth estampa essa subversão ao confrontar e rejeitar o tradicionalismo que limitam as escolhas e aspirações das mulheres. Seu desejo em conseguir um casamento baseado no amor e na reciprocidade, ao invés de um mero relacionamento engessado nas condutas tradicionais, onde o foco é as posses e bens daquele a que se casar, é uma ruptura inovadora com as expectativas da sociedade patriarcal da época em que o romance se passa. Percebemos assim como a Jane Austen, de certa forma, é vista em suas obras, pelo fato de ela ter sido pedida em casamento formalmente aceitando e desistindo logo depois, pois não aceitaria casar se não fosse por amor. Mostrando para todos seus lados românticos, vindo a falecer solteira.

A novidade estética da trama tem também seu manifesto na riqueza dos detalhes com a qual a autora descreve o ambiente do cotidiano da vida na pequena e pacata cidade fictícia de Meryton, em Hertfordshire. Em meio às complexidades dos relacionamentos, a autora dedica atenção minuciosa aos elementos do cotidiano, criando uma narrativa que transcende a mera trama romântica, dando a sensação de um clima sadio e puro, apesar das contradições vivida pelas personagens.

Detalhes interessantes como os passeios pelo campo verde da calma cidade, os momentos divertidos vivenciado por meio das interações sociais dos personagens em bailes e as visitas em propriedade vizinhas são cuidadosamente elaborados, conferindo uma autenticidade única para a narrativa histórica. Essa atenção ao cotidiano, muitas vezes deixado de lado com alguns autores em obras de época, deixa mais prazerosa a experiência do leitor, proporcionando um retrato vívido e imersivo da vida na Inglaterra rural do século XIX.

Ao finalizar esta análise sobre a novidade estética na obra objeto desta pesquisa, torna-se evidente que Jane Austen transcendeu as limitações de sua época, oferecendo uma obra cuja riqueza estilística e temática continua a desafiar e encantar leitores. Sua capacidade de inovar nas normas literárias estabelecidas da Regência Inglesa estabeleceu um padrão duradouro para a literatura clássica.

A estética de Austen, permeada por ironia, complexidade psicológica e atenção aos detalhes cotidianos, não apenas elevou *Orgulho e preconceito* à categoria de clássico, mas também influenciou gerações subsequentes de escritores. A novidade estética dessa obra icônica permanece viva, desafiando as convenções e ressoando na contemporaneidade,

continuando a moldar a maneira como enxergamos e apreciamos a literatura clássica.

3.2. Há diálogo com o realismo em Austen

A introdução de Elizabeth Bennet na trama é marcada pela atenção cuidadosa dada à sua construção como personagem realista. A autora, se esquivando de forma sagaz das implicações da época ao dotar Elizabeth de uma personalidade multifacetada. Ela não é apresentada como uma figura perfeita, como se retratam as figuras centrais de muitas obras desse período clássico, mas é uma mulher com qualidades admiráveis e imperfeições reais e perceptíveis.

Ao longo da história, Lizzy é mostrada como uma jovem inteligente, observadora e às vezes imprudente. Sua inteligência combina com sua capacidade inimitável, que faz com que ela se destaque como a personificação das ideias literárias realista. A complexidade de suas emoções e pensamentos proporciona uma visão mais verdadeira da natureza humana.

É notável o realismo da personagem não apenas em suas características iniciais, mas também em seu desenvolvimento ao longo da trama. Ao contrário dos personagens estáticos, ela enfrenta desafios, confronto com seus preconceitos pessoais e, o mais importante, reavalia suas próprias crenças. Sua jornada de autodescoberta e crescimento emocional reflete a complexidade da experiência humana.

O realismo dela não está isolado do seu contexto histórico e social. A escritora, ao criar esta personagem, não apenas a colocou em uma trama romântica, não só em um cenário que refletia as complexidades da sociedade da época. Questões sociais, expectativas e limites impostos às mulheres são habilmente explorados pela figura central, através de suas experiências.

A construção realista de Elizabeth Bennet não se limita apenas à sua psicologia individual, mas se estende à maneira como ela interage com a sociedade ao seu redor. Jane Austen utiliza Elizabeth como uma voz consciente das nuances da estrutura social da época. Sua postura desafiadora em relação às convenções matrimoniais e às expectativas de gênero, especialmente quando confronta Lady Catherine de Bourgh, torna-se um ponto focal para essa crítica.

Suas irmãs também sabem tocar e cantar? - Uma delas sabe. - Por que não aprenderam as outras também? Todas deviam saber música. As Senhoritas Webb todas sabem tocar e o pai delas não é mais rico que o seu. - Sabe desenhar? - Não, minha senhora. - O quê? Nenhuma de vocês? - Nenhuma de nós. - Que curioso. Mas com certeza não tiveram oportunidade (AUSTEN,

2018, p. 222).

O realismo em Elizabeth é visto especificamente nas conversas que ela mantém ao longo da história. A sua eloquência e perspicácia transformaram o diálogo numa ferramenta poderosa para explorar as complexidades da natureza humana e das relações sociais. Um exemplo notório é a conversa tensa entre Lizzy e o Sr. Darcy no baile em Meryton.

Austen, ao utilizar o diálogo como meio de exposição das emoções e pensamentos de Elizabeth, transcende a mera interação superficial entre personagens. A sutileza na troca de palavras revela as camadas mais profundas de suas convicções e sentimentos. A ironia presente no diálogo é uma marca registrada da habilidade de Austen em criar personagens que não apenas falam, mas que comunicam de maneira autêntica e reveladora.

A grandeza dos personagens realistas reside na sua dualidade: a coexistência da bondade admirável e da imperfeição humana. Elizabeth Bennet, que cativa os leitores com sua inteligência e coragem, não deixa de ter falhas. Às vezes, sua arrogância, julgamentos precipitados e reações emocionais a certas situações contribuem para um retrato mais realista da natureza humana.

A construção narrativa impõe ao narrador e a personagem desafios às convenções românticas da época ao interpretar personagens menos idealizados. Apesar de suas imperfeições, Elizabeth torna-se compreensível para o leitor, criando uma conexão mais profunda e duradoura. Esta dualidade reflete a complexidade e autenticidade que caracterizam o grande realismo e contribui para a imortalidade dos personagens.

Ao analisar a personagem Elizabeth Bennet, não podemos negar que sua riqueza realista vai além da simples composição literária. Ela se tornou um arquétipo que representa uma mulher realista que desafiou e superou as expectativas sociais de sua época. A capacidade de Austen de criar personagens complexos e autênticos contribui para a imortalidade de seu trabalho e faz de Elizabeth uma personagem que continua a inspirar e intrigar os leitores durante séculos.

Com sua inteligência afiada, coração corajoso e imperfeição humana, Elizabeth Bennet personifica a habilidade da Autora de capturar a essência da condição humana. A sua presença na literatura não é apenas uma contribuição para a narrativa romântica, e sim um retrato para os dias de hoje de como era a época que a autoria vivia, sendo também um legado duradouro que eleva *Orgulho e preconceito* uma obra realista — de desdobramento moderno —, que será sempre relevante e enriquecedora para gerações de leitores.

4. PERSONAGENS ALÉM DA MEDIDA ESTÉTICA

Nesta seção, analisaremos cada uma das principais personagens femininas na obra **Orgulho e preconceito**, de Jane Austen, mostrando como as relações sociais se constroem no plano das camadas sociais, como a questão do casamento para as mulheres e como a família aristocrata se mantém na estrutura social para manter-se ativa, participadora e influenciadora no convívio de preservação da hegemonia social entre seus grupos.

Elizabeth Bennet é conhecida por sua inteligência afiada, sua atitude independente, uma jovem viva, que não tem medo de falar o que pensa (característica difícil para sua época) destemida, corajosa, e muito aventureira, inteligente e bem à frente do seu tempo com ideias, que uma moça naquela época não poderia ter em relação a casamento, uma de suas características também é que ela sempre deixa claro seu desejo de casar somente por amor e não apenas por ser uma regra e fazer as vontades de sua mãe, tendo vista que naquela época as mulheres eram criadas para serem esposas e mães.

Essa construção da personagem coloca-a mais além do pensamento estético que se ampara nas românticas e realistas, mas ratifica a vivência da personagem com a modernidade. Haja vista que ela se propõe ao casamento por interesse e, em simultâneo, impõe um discurso agressivo e irônico frente à atmosfera aristocrata da época.

Ela sempre foi mais á frente ao tempo em questão de suas irmãs, tendo sempre o questionamento e posicionamento presente em sua vida, deixando seu orgulho evidente em sua capacidade de expressar suas opiniões sem reservas, em uma dessas situações se destaca seu preconceito com o personagem Darcy, onde sem conhecê-lo bem, faz um julgamento pelo que ouviu falar por outras pessoas sobre ele e também do seu modo de ser, que em muitas das vezes não ajudava em suas análises feitas, com isso a personagem possui sua opinião própria e não fazia questão de muda-la. Deixando claro seu orgulho e preconceito com o personagem em questão Sr. Darcy.

O conteúdo da carta deixou Elizabeth muito agitada; era difícil saber se sentia mais prazer ou dor. Revelaram-se totalmente verdadeiras as vagas e indefinidas suspeitas provocadas pela incerteza a respeito do que o Sr. Darcy poderia ter feito para patrocinar o casamento da irmã dela, suspeitas estas que temia encorajar, por revelarem uma bondade grande demais para ser provável, e, ao mesmo tempo temia que fossem fundadas, para não ficar em dívida com ele! (AUSTEN, 2018, p. 429).

Jane Bennet, irmã mais velha de Elizabeth, tem por característica sua ação amável e sua disposição a ver o melhor nas pessoas, fazendo com que não conseguisse observar como

realmente as pessoas aram, sendo também considerada por sua mãe, uma das mais belas mulheres que existe na região. Em vários momentos a Jane acaba idealizando tanto o mundo em que vive, que acaba sendo fantasiosa e isso acabou atrapalhando em alguns momentos de sua vida. No entanto, seu preconceito sutil se manifesta quando ela reluta em acreditar que alguém possa ser falso ou mal-intencionado. Isso é evidenciado quando ela comenta sobre o comportamento de Caroline Bingley. Onde na maioria das vezes estava sendo preconceituosa por conta da classe social e do comportamento das mulheres de sua família, nisso o livro nos mostra como a personagem sempre dúvida e demonstra que as pessoas são em sua grande maioria, boas e honestas, possuindo uma certa ingenuidade em relação às pessoas em sua volta.

- Querida Lizzy! - Oh! O que tu tens é uma capacidade ampla de mais para gostares das pessoas em geral. Nunca vês mal em ninguém. Todo o mundo é bom e agradável aos teus olhares. Nunca na minha vida te ouvi criticar um ser humano. - É que procuro sempre não me precipitar no juízo que faço das outras pessoas; mas digo sempre o que penso. - Isso sei eu, e é isso que me pasma. Que tu, com o teu bom senso, possas ser tão cega perante os defeitos e asneiras dos outros! Fingir candura é vulgaríssimo e encontra-se a cada passo na vida. Mas ser cândida sem qualquer espécie de ostentação ou fim em vista - aproveitar o que há de bom numa pessoa e torná-lo ainda melhor, sem nada dizer sobre o mal -, só tu és capaz. E, sendo assim, também te agradaram às irmãs dele, não? Na maneira de ser parecem-se pouco com ele. (AUSTEN, 2018, p. 13-14).

Mary Bennet é a terceira irmã mais velha de Elizabeth uma das irmãs mais calmas e que não possuía muitos talentos, mas sempre estava disposta a impressionar a todos ao seu redor quando estava em público. Mesmo conhecendo os prazeres da juventude de sua época, tais aventuras não chamavam sua atenção e sim a leitura de livro que fosse de seu agrado, outra de suas características que era muito notável era o seu desejo de se destacar através de sua erudição e moralidade.

Seu orgulho se manifesta em sua crença de deixar claro sempre que é intelectualmente superior às suas irmãs e em sua disposição de demonstrar suas habilidades musicais que acontecia sempre que tinha oportunidade em algum baile, mesmo que isso não fosse bem recebido pelos outros, se tornando uma pessoa socialmente desconfortável. "O lugar ao piano foi avidamente ocupado pela sua irmã Mary, que, em consequência da sua fealdade, se aplicara na árdua aquisição de conhecimentos e dotes, vivendo na ânsia constante de os exhibir" (AUSTEN, 2018, p. 19). Seu preconceito está relacionado à sua postura moralista e ao fato de tentar parecer mais culta e virtuosa do que realmente é. Isso não se enquadra no contexto de preconceito como geralmente entendido, mas sim como uma crítica à

falta de autenticidade e à busca vazia de sapiência por parte de algumas pessoas.

Mary não tinha nem talento, nem gosto; e, embora a vaidade lhe tivesse dado aplicação, emprestara-lhe também um tal ar de superioridade e afetação nos modos que por si só prejudicariam um grau de perfeição mais elevado que o que ela atingira; Elizabeth, que não tocava tanto como a irmã, prendera muito mais a atenção. Mary, após um longo concerto, e como paga de todo o elogio e gratidão, atacou alegremente árias escocesas e irlandesas, a pedido das irmãs mais novas, que, com algumas das Meninas Lucas e assistidas por dois ou três oficiais, formaram um pequeno grupo de dança numa das extremidades do salão (AUSTEN, 2018, p. 19-20).

Catherine, apelidada de Kitty, é a quarta irmã mais nova de Elizabeth e uma das personagens menos desenvolvidas na obra, são poucos os momentos em que ela aparece. Tendo sempre sua irmã Lydia como referência e exemplo, portanto, seu comportamento é influenciado por suas ações impulsivas. Seu orgulho e preconceito não são tão evidentes como os de suas irmãs mais velhas, mas ela é frequentemente vista acompanhando Lydia em suas aventuras e sendo sua dupla em praticamente quase tudo. Com o casamento de Lydia, ela começa a passar mais tempo com suas irmãs mais velhas, isso faz com que seu comportamento inconsequente seja menos recorrente.

Lydia, numa voz mais alta e estridente do que a de qualquer outra pessoa, enumerava os vários acontecimentos da manhã para todos os que desejassem ouvir. - Oh! Mary - disse ela -, que pena não teres vindo conosco, pois nos divertimos imenso. Durante o caminho, Kitty e eu fechámos todas as cortinas da carruagem e fingimos que não ia lá ninguém dentro. Teríamos continuado assim até chegar, mas Kitty começou a sentir-se enjoada; e, quando chegámos à hospedaria, creio que nos portámos como devíamos, pois, regalámos as outras três com o melhor almoço frio do mundo, e, se nos tivesses acompanhado, também te teríamos convidado. E, depois, a volta também foi muito divertida. Pensei que nunca caberíamos naquela carruagem. Quase morri de tanto rir. Falámos e rimos tão alto que qualquer pessoa nos ouviria a dez milhas de distância (AUSTEN, 2018, p. 139).

Lydia Bennet, a irmã mais jovem de Elizabeth, é impulsiva e buscava a todo momento por aventuras e emoção, com seus 15 anos já era apresentada a sociedade e sua maior vontade era encontrar alguém para se casar contando que fosse rico ou militar, possuía um temperamento espontâneo e não ligava para o que as pessoas falavam.

Seu orgulho se manifesta em sua busca por aventuras românticas e em seu desejo de chamar a atenção sendo totalmente diferente de suas irmãs mais velhas, tendo também toda ajuda e apoio de sua mãe. Seu preconceito é evidente em sua falta de discernimento e em sua tendência a julgar as intenções dos outros com base em sua perspectiva limitada. Lydia demonstra seu preconceito ao ignorar os avisos sobre o comportamento imprudente de

Wickham, que só tinha interesse em se casar com alguém por dinheiro. "Por mais imprudente que seja o casamento do Sr. Wickham com a nossa pobre Lydia, vivemos agora na ânsia de obter a confirmação de que ele tenha sido realmente realizado" (AUSTEN, 2018, p. 177).

E no caso de Lydia que planejou uma fuga para ficar com ele, teve o risco e as consequências de ainda colocar na vida amorosa das irmãs em perigo, mas no final sem ouvir conselhos de ninguém acabou tendo seu casamento realizado com Wickam, sendo cercado de desconfiança por todos.

Em seguida, subiram todos ao quarto da Sra. Bennet, que os recebeu exatamente como era de esperar. Com lágrimas, lamentações, invectivas contra a conduta infame de Wickham e queixas pelos padecimentos que lhe estavam infligindo, ela atirava as culpas para todos, esquecendo-se que fora ela própria, com a sua insensata indulgência, a principal causadora do que acontecera à filha (AUSTEN, 2018, p. 177).

A mãe das irmãs Bennet, Sr. Bennet, também desempenha um papel importante na narrativa. Seu orgulho está ligado ao desejo desesperador de encontrar maridos adequados para suas filhas, o que a leva a comportar-se de maneira ansiosa e frequentemente desprovida de certos modos. Na maioria das vezes, ela se encontra sempre preocupa com o futuro de suas filhas, e sua missão é encontrar maridos para suas filhas e de preferência que tenha status e muitas posses.

A obra retrata as formas com que o Sr. Bennet trata suas filhas e a forma de convívio com Elizabeth, deixa claro que não apoia seu senso de observação mais vivo e sua opinião crítica, ao contrário de Lydia que consegue tudo na hora que quer, pois, sua mãe apoia todas as suas aventuras, Jane é a filha onde ela mais coloca expectativas, pois é a mais velha e precisa logo de um casamento, Mary e Kitty são pouco notadas por ela. Seu preconceito é evidente em sua rápida formação de opiniões sobre as pessoas com base em sua riqueza ou posição social, onde tem o pensamento que a riqueza de alguém é a única parte importante para o casamento de suas filhas.

- Meu caro Sr. Bennet, o senhor não pode esperar que raparigas como elas tenham o bom senso dos seus pais. Quando atingirem a nossa idade, creio bem que pensarão tanto em oficiais como nós hoje em dia o fazemos. Recordo-me perfeitamente do tempo em que também eu estremecia perante um belo uniforme... e, na verdade, ainda hoje os admiro; e, se um jovem e brilhante coronel, com rendimentos superiores a cinco ou seis mil libras, se interessasse por alguma das minhas filhas, não lhe diria que não (AUSTEN, 2018, p. 24).

Caroline Bingley, por outro lado, é um exemplo de orgulho e preconceito bem evidentes e se faz muito claro em algumas atitudes em seu pensamento a forma que uma

mulher deveria ser dentro de um padrão onde alguns dos modos era ter muito conhecimento sobre música, desenho, canto, língua modernas e uma certa forma de se mover. Seu preconceito é evidente quase todo instante, mas um deles é quando acaba falando da Elizabeth e suas maneiras, após a jovem ter que ir até sua casa em Netherfield, para visitar sua irmã mais velha Jane que por conta de um resfriado, estava muito doente.

Elizabeth voltou imediatamente para junto de Jane, e, mal ela saiu da sala, a senhorita Bingley começou a criticá-la. Classificou as suas maneiras de rudes, um misto de orgulho e impertinência; e que ela não tinha nem conversa, nem estilo, nem gosto, nem beleza sequer. A Sra. Hurst era da mesma opinião e acrescentou:

- Ela não tem, nada que a recomende, exceto ser uma ótima andarilha. Nunca esquecerei como ela nos apareceu esta manhã. Quase parecia uma rústica. - Tem razão, Louisa. Eu mal pude me conter. Que disparate vir assim! Qual a necessidade de desabalar por esses campos afora, apenas porque a irmã se resfriou? E o cabelo dela, que emaranhado (AUSTEN, 2018, p. 27).

Seu orgulho se manifesta em seu desejo de se casar com Darcy e em sua aversão à família Bennet, que ela vê como socialmente inferiores, pelo fato de ser uma família grande, de somente filhas mulheres e por morar no campo, que se cria um pensamento de que a família não é evoluída eticamente, na questão financeira e por não ter relações de poder. Menosprezando também o fato das jovens Bennet terem um tio advogado Sr. Gardiner, como elas não tivessem a capacidade de terem alguém em sua família com status social.

Com uns pais como os dela, e de relações tão insignificantes, receio bem que não o venha a conseguir. - Creio ter-te ouvido dizer que o tio delas é delegado de procuração em Meryton. - Sim; e têm ainda um outro, que vive algures perto de Cheapside. - É admirável - acrescentou a irmã, e ambas riram com gosto. - Mesmo que ela tivesse tios em quantidade que enche se todo o Cheapside - exclamou Bingley -, não seria isso que as tornaria menos encantadoras. - Mas deve diminuir lhes consideravelmente as probabilidades de se casarem com algum homem de destaque (AUSTEN, 2018, p. 28).

Ela também tenta interferir o relacionamento entre Darcy e Elizabeth, usando sua influência para afastá-los, usando a parte de como a mulher deve se comportar, deixando Darcy contra Elizabeth. Caroline Bingley sempre estava tentando se manter próxima do jovem, mas ele não demonstrava nada para com ela e isso causava ciúmes, pois Darcy passou a ter certa admiração por Elizabeth.

Lady Catherine de Bourgh é uma personagem que destaca muito o orgulho em sua forma mais extrema. Ela se vê como a autoridade máxima em sua classe social e não tolera desafios à sua autoridade, estando acostumada a ser enaltecida por todos em sua volta ou até

mesmo que lhe obedecessem por medo e sempre tinha a intensão de doutrinar alguém.

No primeiro encontro com Elizabeth Bennet, Lady Catherine já faz menções sobre suas irmãs, quantas eram, se eram mais novas ou mais velhas que ela, se estavam casadas ou encaminhadas, questionou a beleza de cada uma, onde e como foram educadas, e entre outras indagações que desmerecia a família de Elizabeth, causando um certo incomodo na jovem.

Em determinado momento do livro a senhora expõem o grande preconceito contra os Bennet ao mostrar ser totalmente contra e se recusando aceitar que o seu sobrinho possa se casar com Elizabeth, ou seja não aceitava uma relação com uma jovem de classe inferior. Deixando claro que mesmo sendo tão nobre e cristã, conseguia ser tão egoísta e preconceituosa quebrando a regra que dizia:

Lady Catherine hesitou por um momento e em seguida replicou: - O noivado entre eles é de natureza especial. Desde a infância, foram destinados um para o outro. Era esse o maior desejo da mãe dele, bem como o meu. Planeámos a união, ainda eles estavam no berço; e agora, quando o desejo de ambas as irmãs poderia ser realizado, uma rapariga de classe inferior, sem qualquer renome na sociedade e totalmente estranha à família, ousa interpor-se entre eles! Não tem qualquer consideração pelos anseios da família dele? Será que é totalmente destituída do sentimento da propriedade e da delicadeza? Não me ouviu dizer que desde o seu nascimento ele foi destinado à prima? (AUSTEN, 2018, p. 217).

Em resumo, cada uma das principais personagens femininas no romance ora analisado manifesta o seu orgulho e preconceito de maneira distinta, contribuindo para a complexidade das relações e dos temas explorados na obra, pois, demonstram cada uma sua característica e traços do tema central desenvolvido. Através da indagação das personagens da obra, podemos observar como esses traços de personalidade influenciam suas ações e interações ao longo da narrativa.

4.1. Austen e as boas tias de Steventon

No centro dessa narrativa, destacam-se personagens femininas complexas e multifacetadas, que desafiam estereótipos da época e oferecem uma visão rica da sociedade britânica do século XIX. Neste contexto, exploraremos com detalhes a caracterização das principais personagens femininas da obra que fazem parte dessa sociedade a qual era dividida em algumas classes sociais, são elas: nobreza que era composta pela realeza ou cidadãos que possuíam títulos como poder social, aristocracia rural tendo os grandes proprietários de terra, os novos-ricos onde entravam os comerciantes, médicos e a marinha e por último se tinha as

governantas que mesmo com educação e bons modos não possuíam uma fortuna. E ao decorrer do tópico estará presente alguns personagens que se encontram dentro dessas classes.

Elizabeth Bennet é exemplo de uma heroína literária que vai além das limitações da época em que a história se passa. Sua inteligência aguçada, perspicácia e senso de humor a tornam uma personagem cativante e sendo destacada entre suas irmãs. Demonstra ser uma mulher de vivacidade brilhante, bem direta e de um humor bem único. Elizabeth representa a independência intelectual e emocional, desafiando as expectativas da sociedade que a rodeia, pois, naquela época não era normal uma mulher de qualquer idade que fosse, ter suas próprias opiniões, seus argumentos, ou querer que todos tenham os mesmos direitos.

Elizabeth era uma jovem que não tinha medo de enfrentar qualquer pessoa que fosse, e na questão do casamento não tinha a mesma visão que sua mãe, ou seja, de se casar por dinheiro ou por posicionamento alto na sociedade. Sua personalidade pode ser vista na sua forma em que seu relacionamento com Sr. Darcy se deu, depois de um certo preconceito mútuo, uma vez que, ela não se importava com status social. Mas, que no final foi enfrentado e transformado em um verdadeiro amor.

- Sim, e já o tinha ouvido antes. Mas que tenho eu a ver com isso? Se não existe outra objeção ao meu casamento com o seu sobrinho, o simples fato de saber que sua mãe e sua tia desejavam que ele se casasse com a Senhorita de Bourgh não me faria renunciar a ele. Ao planejar o seu casamento, ambas fizeram o que lhes era dado fazer. A sua realização, porém, depende de outras pessoas. Se o Sr. Darcy não está comprometido com a prima nem pela honra nem pela inclinação, por que motivo não poderá ele escolher outra pessoa? E se essa escolha recair sobre mim, por que não hei de aceitar? (AUSTEN, 2018, p. 217)

Jane Bennet, a irmã mais velha de Elizabeth, é apresentada como um contraponto à sua irmã mais nova. Ela personifica a doçura e a gentileza, retratando a idealização da mulher na sociedade da época. "A Sra. Bennet vira com satisfação a sua filha mais velha ser muito apreciada pelo grupo de Netherfield" (AUSTEN, 2018, p. 217). No entanto, sua passividade às vezes a colocava em situações difíceis. No século XIX o padrão de mulher era idealizado por todos, e Jane se encaixava nele, pois era uma jovem como todas deveriam ser, era o padrão necessário que era exigido pela sociedade da época. Ela não possuía o mesmo senso crítico de sua irmã Elizabeth. Esse comportamento passível a tornava uma moça admirável por todos e encantadora.

- Oh! meu caro Sr. Bennet, passamos uma noite encantadora e o baile foi magnífico. Adoraria que tivesse ido. Jane foi tão admirada que nem calcula. Todos falavam nela e o próprio Sr. Bingley a achou muito atraente e dançou com ela duas vezes! Imagine, meu caro, por duas vezes dançou com a nossa Jane! E foi ela a única moça na sala a quem ele pediu segunda dança

(AUSTEN, 2018, p. 12).

Lydia Bennet, por outro lado, representa o oposto de sua irmã Jane, dona de uma personalidade menos admirável da feminilidade na sociedade regencial, pois, na obra, ela sempre demonstra sua falta de empatia e preocupação com os outros, tendo sua visão somente em conseguir um casamento com alguém que possua uma fortuna considerável. Sua falta de modéstia, imprudência e busca por gratificação imediata a tornam uma personagem controversa.

Ela é o retrato da jovem impulsiva que se deixa levar pelas paixões, culminando em situações problemáticas para sua família. Uma dessas situações se dá por conta da sua rebeldia, quando acaba fugindo com o Oficial Wickham, deixando sua família com uma imagem não bem-vista, e com uma posição social não agradável para a época. Caso esse problema não fosse resolvido rápido, na qual, esse tipo de atitude poderia atrapalhar a vida de suas outras irmãs.

Um mensageiro chegou ontem à noite, quando já nos encontrávamos todos deitados, vindo da parte do coronel Forster e dizendo que Lydia tinha partido para a Escócia com um dos seus oficiais; mais concretamente, com o Wickham! Imagina a nossa surpresa. Kity, porém, não pareceu tão surpreendida. Estou muito triste. Considero um casamento altamente imprudente para ambos; mas pretendo esperar o melhor e faço o possível por acreditar que o carácter dele foi mal compreendido (AUSTEN, 2018, p. 169).

Tal situação foi resolvida graças o dote que foi pago por Darcy ao jovem Wickham, onde acabou se casando com Lydia sem amor, somente por desejos e interesses na quantia deixada.

- Mas, então, por que todo este mistério? Por que se escondem? Por que razão desejam casar-se secretamente? Ah! não, isto não me parece provável. Seu amigo mais íntimo, como puderam ver pela carta de Jane, acredita que ele nunca teve intenção de se casar com ela. Wickham nunca se casará com uma mulher desprovida de fortuna (AUSTEN, 2018, p. 169).

Mary Bennet, figura feminina que muitas vezes é negligenciada nas análises críticas, é a filha do meio e é caracterizada por sua dedicação à leitura e à moralidade. Sua busca por conhecimento e melhoria pessoal, embora, muitas vezes desajeitada, destaca a importância da educação feminina na época, onde eram apresentados vários costumes e regras de etiquetas, que toda mulher deveria seguir, por alguns momentos, chegando até mesmo a desafiar a noção de que todas as mulheres deveriam apenas se dedicar a casamentos.

Mary é destacada na obra como uma jovem calma e tranquila, onde sempre estava

lendo livros ou tocando seu piano, algo que era indispensável nos bailes que sempre estava presente. Seu objetivo era aproveitar as oportunidades dos bailes e mostrar para todos da sociedade seu talento e sua dedicação na música, esse dom era algo de grande relevância para sociedade em geral.

Nenhuma se poderá considerar realmente prendada se não ultrapassar de longe a média. Uma mulher, para merecer tal qualificação, deve ter um conhecimento profundo sobre música, canto, desenho, dança e línguas modernas; e, além de tudo isto, deve possuir ainda o seu quê na maneira de se mover e estar, no tom da voz, trato e expressões, ou só merecerá a qualificação em parte (AUSTEN, 2018, p. 30).

Lady Catherine de Bourgh é uma personagem que representa a aristocracia e o poder feminino na sociedade da época. Seu posicionamento de mulher imponente, orgulhosa em sua postura social. A figura de Lady Catherine é um lembrete da rigidez das hierarquias sociais da época, sempre deixando claro onde cada pessoa teria que estar inserida na sociedade.

- Não se preocupe demasiado com o seu traje, querida prima. Lady Catherine está longe de exigir de nós a elegância que ela e sua filha ostentam. Aconselho-a, portanto, a escolher o seu vestido mais elegante, apenas, pois a ocasião pouco mais requer. Lady Catherine não lhe levará a mal a simplicidade da sua aparência. Ela gosta de ver preservada a distinção das classes (AUSTEN, 2018, p. 106).

Algumas mulheres exerciam autoridade, como Lady Catherine, deixando essa prática dominadora sempre em evidência, considerando seu status superior a todos os outros. Um dos seus objetivos como já foi falado, é manter as classes sociais separadas, chegando ao ponto de influenciar no casamento do seu sobrinho Mr. Darcy, a quem desde pequeno por meio de um acordo de sua mãe e sua tia estava comprometido com sua Prima. Dessa forma, Lady Catherine deixa claro sua insatisfação ao se impor contra o seu casamento com Elizabeth. Outra característica muito forte da personagem é ser uma grande defensora dos bons modos, ou seja, na época de Austen uma moça ter independência de pensamentos era algo incontestável, fazendo assim com ela tenha mais um conflito com Elizabeth que sempre estava desafiando as normas sociais.

- A mais nova ainda não fez dezesseis anos. Talvez seja um pouco cedo demais para vida social, mas, realmente, minha senhora, considero uma crueldade excluí-las de divertimentos e relações sociais apenas porque a mais velha não teve oportunidade ou inclinação para se casar ainda. - Por Deus – a Senhorita exprime a sua opinião muito decididamente para uma pessoa tão jovem. Diga-me, quantos anos tem? – indago Lady Catherine. - Com três irmãs mais novas já crescidas - replicou Elizabeth -, Vossa

Excelência não pode esperar que eu lhe dê uma resposta. Lady Catherine pareceu ficar atônita por não ter recebido uma resposta direta e Elizabeth suspeitou que fora ela a primeira pessoa que jamais ousara zombar de tão pomposa impertinência (AUSTEN, 2018, p. 108-109).

No entanto, ela personifica a forma rígida que a sociedade exigia para o comportamento de uma nobreza, sendo retratada como uma das personagens principais, pois sempre deixa claro o preconceito e orgulho que é um dos pontos importantes da obra.

Charlotte Lucas é uma personagem que merece atenção. Ela é amiga próxima de Elizabeth Bennet e, em contraste com Elizabeth, toma uma decisão pragmática ao aceitar o pedido de casamento do Sr. Collins, apesar de sua falta de atração por ele. A escolha de Charlotte é um reflexo das limitações econômicas e sociais enfrentadas pelas mulheres na época e por ser considerada "velha" demais para se casar. Porém, a recusa de Elizabeth Bennet ao pedido de casamento do Sr. Collins, foi uma boa oportunidade para Charlotte Lucas, que estava em busca de segurança e estabilidade financeira em sua vida. A obra deixa clara que o casamento dos dois é uma espécie de acordo, aonde ambos iam se beneficiar com a relação, ele era um jovem líder da igreja em que trabalhava e precisava de uma esposa para demonstrar uma boa postura perante seus fiéis, e ela, no entanto, se casar para não ser um problema para sua família. O jovem Collins não tinha muita atração e sua companhia era cansativa, sem muitos encantos e aventuras.

O casamento sempre fora seu maior desejo, era a única posição tolerável para uma moça bem-educada e de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade (AUSTEN, 2018, p. 84).

Caroline Bingley ilustra as complexidades das relações sociais e rivalidades femininas. Ela é uma mulher manipuladora que deseja casar-se com Mr. Darcy e vê Elizabeth Bennet como uma ameaça a seus planos. Caroline representa a competição entre mulheres na busca por maridos ricos e influentes e na parte de manter amizades por conveniência, ou seja, em relação ao casamento, no ponto de vista dela, Elizabeth não era digna de ter um marido de posses, e que muito menos fosse Sr. Darcy. Ou seja, era uma personagem de difícil convivência. A separação de classes era evidente naquela época, deixando claro uma sociedade de desigualdade e de relacionamentos por interesse financeiros, principalmente, por abordagens relativas ao tipo de Carolina.

A senhorita Bingley viu, ou suspeitou, o suficiente para sentir um certo ciúme, e a enorme ansiedade pelo restabelecimento de sua querida amiga

Jane era de certo modo reforçado pelo desejo de se ver livre de Elizabeth. Tentava frequentemente suscitar em Darcy o desagrado por sua hóspede, falando-lhe do suposto casamento entre os dois e da felicidade que ele iria encontrar em tal aliança (AUSTEN, 2018, p. 38).

Mrs. Bennet, a mãe das irmãs Bennet, é uma personagem que desempenha um papel crucial na trama. Ela é retratada como uma mulher ansiosa e preocupada, cujo principal objetivo é casar suas filhas com homens ricos. Através de sua obsessão com casamentos, Mrs. Bennet revela a pressão social sobre as mulheres para garantir seu futuro por meio do casamento, visto que naquela época as mulheres não podiam trabalhar e a única opção de sustento era o casamento, sua segurança financeira vinha através desse ato onde fazia com que algumas delas não tivessem a oportunidade de ter um matrimônio por amor, mas sim, como um amparo para sua vida toda. A obra retrata claramente o desespero e preocupação da Mrs. Bennet com suas filhas e um de seus comportamentos foi quando Sr. Collins fez o pedido de casamento para Elizabeth e a jovem por não o amar não aceitou, pois seria um casamento de negócios. Por Sr. Collins ser seu único parente homem próximo que iria herdar as terras de seu pai quando ele viesse falecer, pois como o Sr. Bennet não teve nenhum herdeiro homem, suas terras seriam para o primo. Dessa forma, a recusa do pedido de casamento fez com que a Mãe da jovem ficasse muito nervosa pois tinha medo de que sua filha ficasse sua vida toda sozinha e que ficasse pobre.

- Oh! Sr. Bennet, necessito com urgência da sua ajuda; estamos todos em alvoroço. E preciso que venha e obrigue Lizzy a casar com o Sr. Collins, pois ela jura a pés juntos que não o fará e, se o senhor não se apressa, ele poderá mudar de ideias e, por sua vez, também não a querer (AUSTEN, 2018, p. 75).

Mrs. Gardiner, cunhada da sra. Bennet, tia de Elizabeth e Jane Bennet, é uma personagem que oferece um contraste importante com Mrs. Bennet. Ela é retratada como uma mulher sensata, gentil e inteligente, que desempenha um papel de apoio na vida das sobrinhas, o apoio que não é encontrado na mãe, que o tempo todo tem suas preocupações em arrumar bons pretendentes para as filhas, deixando de dar atenção necessária para as jovens. Mrs. Gardiner vem representando também a figura materna positiva e aconselhadora na vida das irmãs Bennet, fornecendo orientação e apoio emocional, onde tinha toda confiança de suas sobrinhas e passava a ser em alguns momentos uma ponte de troca de experiência que outrora já havia vivido em sua trajetória de vida, ela na maioria das vezes estava disponível para ouvir suas sobrinhas, ou seja, fazendo de certo modo o papel de mãe das irmãs.

O Sr. Gardiner, que era muitos anos mais moça que a Sr. Bennet ou Sr. Philips, era uma mulher elegante, agradável e inteligente e muito querida por suas sobrinhas de Longbourn. Entre ela e a duas mais velhas, especialmente, existia uma forte amizade. As meninas tinham se hospedado muitas vezes em sua casa na cidade (AUSTEN, 2018, p. 93).

Georgiana Darcy, irmã mais nova de Mr. Darcy, é uma personagem que desempenha um papel importante na trama. Ela é retratada como tímida e reservada, sendo deixada sob responsabilidade de seu irmão Mr. Darcy e seu primo coronel Fitzwilliam, onde era cuidada por uma senhora chamada Young, com 15 anos de idade Georgiana foi vítima das maquinações de George Wickham, o mesmo que fugiu com Lydia, irmã mais nova de Elizabeth, o mesmo tentou fazer a mesma coisa com a irmã do Mr. Darcy, visto que a jovem tinha 30 mil libras e, ao mesmo tempo para se vingar do seu irmão, do qual tinha muita raiva. Porém, o irmão da jovem conseguiu salvar a irmã antes de acontecer o pior, que seria ficar conhecida por fugir com um homem mais velho que acabaria por destruir sua reputação.

George Wickham conseguiu captar de tal modo as boas graças de Georgiana, cujo coração extremamente afetivo conservava ainda viva a impressão da bondade com que ele a tratara em criança, que ela se convenceu de que o amava e concordou em fugir com ele. Ela tinha então apenas quinze anos, o que lhe servirá de desculpa; e após ter constatado sua imprudência, tenho consolo de poder acrescentar que soube disso por ela própria (AUSTEN, 2018, p. 128).

Georgiana ilustra a vulnerabilidade das mulheres jovens na sociedade da época e a importância da proteção masculina. Mrs. Philips, irmã de Mrs. Bennet, é uma personagem secundária que fornece um vislumbre da vida de casada na sociedade da época. Ela é casada com um advogado, Mr. Philips, e seu papel é mais tradicional, cuidando de sua casa e família, sua presença na narrativa destaca as expectativas sociais das mulheres casadas, onde na obra é retratado isso, na qual ela sempre recebe suas sobrinhas em sua casa e as, deixa informada de tudo o que se passa na cidade, estando disposta a servir seja quem for a pessoa.

O Sr. Collins parecia destinado das atenções das belezas presentes, o Sr. Collins parecia destinado a mergulhar na insignificância. Nada poderia esperar, mas vez ou outra, encontrava ainda a Sr. Philips uma ouvinte e, graças a Deus á sua vigilância, era por ela abundantemente servido do café e bolo (AUSTEN, 2018, p. 53).

Mrs. Long e Mrs. Lucas são personagens secundárias que fazem parte do círculo social das irmãs Bennet. Elas participam das reuniões sociais e bailes na vizinhança e ajudam a criar o cenário social em que as personagens principais interagem. A obra retrata que às duas

senhoras sempre se faziam presentes na vida dos Bennets, seja para dá conselhos ou para sugerir opiniões na vida de alguma das jovens. Mrs. Bennet sempre queria ser superior em tudo quando se trata da Mrs. Lucas, que por ser uma boa pessoa não era interessante de se ter por perto, pois para ela a jovem não era dotada de capacidades e influências sociais para suas filhas.

Lady Lucas era uma ótima pessoa, mas não era suficientemente esperta para se tornar uma vizinha preciosa para a Sra. Bennet. Tinha vários filhos. A mais velha, uma moça sensata e inteligente de vinte e sete anos de idade, era amiga, íntima de Elizabeth (AUSTEN, 2018, p. 15).

Já a Mrs. Long era o tipo de mulher observadora, sempre presente nos bailes, onde seu objetivo era juntar as jovens solteiras com os jovens que estavam disponíveis. Sendo um exemplo disso o primeiro baile que Darcy apareceu com seu grupo, onde ele foi bem orgulhoso e julgador com todos. Sendo também observado pela Mrs. Long quando tentou conhecê-lo um pouco melhor.

A Sr. Long me contou que ele ontem á noite esteve sentado ao lado dela bem uma meia hora sem nunca despregar os lábios. – Tem certeza, mãe? Não haverá pequeno engano? – quis saber Jane – Posso jurar que vi o Sr. Darcy falar com ela – Sim, mas foi porque ela acabou por lhe perguntar se gostava de Netherfield, e ele não tinha como deixar de responder. Mas ela achou que ele ficou aborrecido por lhe dirigir a palavra (AUSTEN, 2018, p. 16).

4.2. O fato social e o dilema das personagens

Em relação ao que a obra descrever sobre a sociedade aristocrática inglesa do século XIX. Ela relata os hábitos sociais, as expectativas e as regras que serviam como doutrina para a vida da aristocracia. O termo "fato social", representado pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), “[...] não pode definir-se por sua generalidade no interior da sociedade” (DURKHEIM, 2004, p. 7). Na literatura, isso quer dizer que a personagem da sociedade que exercem pressão e influência sobre os indivíduos, aqueles que moldavam e ditavam as bases na sociedade, como podemos no romance ora analisado. Nesse contexto, os fatos sociais na aristocracia inglesa representam as normas rígidas e as hierarquias sociais que limitavam a liberdade e a autonomia das pessoas deixando quem tem o poder livre para ser um cidadão perfeito e quem não tem, ser um cidadão de poucas condições e sendo tratado com atos preconceituosos. Para Cardoso e Lago (2022, p. 34 — Grifo dos Autores):

Nos séculos XVIII e XIX, a sociedade inglesa era dividida em, pelo menos, cinco classes sociais. A primeira delas foi a nobreza, constituída pela realeza e pelos *lords e ladies* agraciados com títulos. Em seguida, vinha a *gentry*, às

vezes traduzida por senhorio ou aristocracia rural, formada pelos proprietários de terra. Abaixo da *gentry*, estavam as famílias relacionadas ao Comércio, à Medicina e à Marinha, os “novos-ricos” da época. As últimas posições sociais eram ocupadas por empregados e governantas, assim como por pessoas que, embora tivessem educação e refinamento, não tinham fortuna. Na base da pirâmide, estavam os pobres.

Um dos momentos que é relatado os fatos sociais na obra é a obrigação do casamento na sociedade da época. A personagem principal, Elizabeth Bennet, enfrenta a pressão social, que exercida por sua família e amigos, para que ela encontre um marido, pois já está chegando uma idade preocupante, mas o pretendente não poderia ser qualquer rapaz e sim um de boas condições financeiras, devido à sua posição modesta na escala social, haja vista que a família integra a classe dos novos-ricos (**CARDOSO, LAGO, 2022**). Com a visita do seu primo Collins, essa pressão com Elizabeth ficou ainda mais severa, pois o desespero da mãe em casar sua filha e mostrar para sociedade que tudo estava perfeito era muito importante. Até que a protagonista recusa sua proposta de casamento com o seu primo, deixando assim sua mãe com uma grande aflição.

- OH, Sr. Bennet, necessito com urgência de sua ajuda; estamos todos em alvoroço. É preciso que venha e obrigue Lizzy a se casar com Sr. Collins, pois ela jura de pés juntos que não o fará e se o senhor não se apressa, ele poderá mudar de ideia. (AUSTEN, 2018, p 75).

Dessa forma, por tanta insistência e negação da parte da jovem o Sr. Collins finalmente percebeu que nada se teria de Elizabeth. Mas mesmo retirando seu pedido e apresentando suas desculpas, ele tem seu jeito orgulhoso de pensar o quanto sua prima acabou perdendo negando sua proposta de casamento e no final mantendo seu orgulho ferido, pois estava convicto que ia ter seu pedido aceito, visto que ele era o único que iria herdar a propriedade do Sr. Bennet (por ser o herdeiro mais próximo e homem). Porém, a jovem não pensava da forma que era obrigada a pensar e agir perante o âmbito social.

O casamento vivenciado na sociedade aristocrática passa longe das questões afetivas, pelo contrário é um contrato de estabilidade financeira, de status e segurança futura. Isso é evidenciado de forma prática quando a personagem Charlotte Lucas aceitar uma proposta de casamento de Mr. Collins, mesmo que não haja nenhum vínculo afetivo entre os personagens, mas ela percebe a importância do matrimônio para seu amparo financeiro e social. Esse fato retrata de forma evidente como os fatos sociais constroem as escolhas das personagens, que em partes da obra se absterem de sua felicidade íntima em prol das convenções e adaptações sociais.

A companhia do Sr. Collins era cansativa e sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora seu maior desejo. Era a única posição tolerável para uma moça bem-educada e de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Essa proteção, agora a obtivera. (AUSTEN, 2018, p, 84).

Outro exemplo claro de como os fatos sociais influenciam as personagens é a matriarca da família Bennet, Mrs. Bennet que a princípio ficou muito desapontada com Charlotte por aceitar se casar com Sr. Collins que até alguns dias era pretendente de sua filha e com isso vinha sua preocupação maior era com sua propriedade e como iam se manter quando o Sr. Bennet viesse a falecer e também que sua filha não aceitou o pedido de casamento para deixar sua família tranquila e segura do futuro, deixando a oportunidade passar e servir de comentários para o restante da população, cuja o seu principal foco é casar suas garotas com homens da alta-classe inglesa com influência e posição. Seus principais anseios e preocupações são reflexos claros das expectativas sociais da época em relação ao casamento como um meio principal de acessão familiar, pois esse era o objetivo central da personagem no final das contas, nota-se pensamentos egoístas dá parte da mãe das Bennets, em muitas falas ela menos preza os desejos das garotas para obter status sociais.

Um homem solteiro e rico precisa de uma esposa. Eis uma verdade reconhecida universalmente. Por menos que se conheçam os sentimentos ou o modo de pensar de tal homem, quando ele se fixa em determinada localidade, esta verdade está tão enraizada na mente das vizinhas que ele é considerado propriedade legítima das suas filhas” (AUSTEN, 2018, p. 7).

E era isso que a Mrs. Bennet pensava e tentava fazer para garantir que suas filhas tivessem um casamento e principalmente fossem bem-vista na sociedade, fazendo com o que suas filhas não conseguissem ter suas próprias opiniões respeitadas. A Lizer como era carinhosamente tratada pelos mais próximos, por muitas das vezes dentro de suas palavras e argumentações é possível ver seus dilemas internos, pois ela não consegue se amoldar as tradições aristocráticas, por ser uma pessoa de personalidade forte, não se sentia confortável em entregar seus sentimentos por posição social, de tal modo que ela recusa o pedido de casamento do Mr. Collins, situação essa que redeu várias críticas dos seus familiares e amigas. Mesmo assim ela não se submeteu aos posicionamentos da sociedade tradicional inglesa do período, demonstrando um posicionamento que poucas jovens de sua época não conseguiam possuir.

Também temos como elemento fundamental a ser analisado o conceito de herança

e propriedade, que eram bases bem referenciadas na sociedade aristocrática. Algumas citações enfatizavam como a acumulação de propriedades era um fato social indiscutível para os ingleses daquela época. Na trama, a herança é um dos meios pelos quais homens podiam aceder de forma a ser notado por belas moças, como a já citada proposta de casamento do Mr. Collins para a Elizabeth, ele tinha como expectativa herdar a propriedade de Mr. Bennet, porque ele não possui nenhum filho homem, e pela tradição, apenas homens da família poderiam tomar de conta das posses por herança. Collins era o parente homem mais próximo do Mr. Bennets.

- Há coisa de um mês recebi esta carta, e há cerca de quinze dias tratei de respondê-la pois considerei seu assunto um pouco delicado e, como tal, requeria atenção imediata. O seu remetente é meu primo, o Sr. Collins, aquele que, quando eu desaparecer, poderá expulsá-las desta casa. - Oh, meu caro Sr. Bennet- exclamou sua mulher-, não suporto ouvir falar tal coisa! Pelo amor de Deus, não mencione tal homem. Considero tremendamente injusto que seus bens sejam herdados por outra pessoa que não seja suas filhas (AUSTEN,2018, p. 44).

Esse aspecto do destaque ao fato da busca por terras, riqueza e capacidade desses fatores serem influencia fundamentais em relação às alianças matrimoniais na sociedade da época. Que foi o caso de Charlotte, em que mesmo não sentindo nada pelo Mr. Collins aceitou o pedido de casamento dele, por ter uma garantia melhor de sua condição social e futuro.

A reputação é outro dos pilares que demonstra o posicionamento das personagens na sociedade fato importante que é retratado dentro do romance. As ações e comportamentos das personagens eram motivos constantes de julgamento por parte dos personagens mais tradicionais da trama com base em sua reputação pessoal e familiar. Um exemplo específico, talvez este o mais marcante da obra, sendo o escândalo em que uma das irmãs se envolveu, mais precisamente Lydia Bennet, que em um momento sorrateiro fugiu com o Mr. Wickham sem se casar. Desse modo, ameaçando sua reputação e de toda a família Bennet colocando suas irmãs em risco por ainda não terem conseguido um casamento. Isso retratar como a sociedade aristocrática valorizava a aparência e a moralidade, como uma forma rígida de convivência social e como a quebra dessas regras sociais afetavam e conduzia os envolvidos e seus familiares a graves consequências.

Quanto a Mary, o domínio sobre si mesma era perfeito; e, com uma expressão muito séria, sussurrou a Elizabeth, pouco após se sentar à mesa:- É um acontecimento deveras desagradável e provavelmente será muito comentado. Mas nós devemos nos opor à maledicência e derramar sobre nossos corações feridos o bálsamo do consolo fraternal. Em seguida, vendo que Elizabeth não estava disposta a responder, acrescentou: ___ por mais

infeliz que Lydia possa vir a ser, poderemos de tudo isto extrair uma útil lição: que a perda da virtude numa mulher é irreversível; que um só passo em falso acarreta uma série de desgraças sem fim; que sua reputação não é menos frágil que sua beleza; e que uma mulher nunca será cautelosa demais com as pessoas do sexo oposto, especialmente com aquelas que não merecem confiança (AUSTEN, 2018, p. 178).

O romance também demonstra a riqueza das hierarquias sociais. As personagens frequentemente se veem limitadas e julgadas por muitos dentro desse contexto social que elas vivem. Mr. Bingley, um homem rico, de apenas 22 anos de idade, amigo de grande proximidade e convivência com o Mr. Darcy. Ele é inicialmente desencorajado a cortejar Jane Bennet devido a essa diferença social.

- Tenho mil e uma razões para pensar mal do senhor - prosseguiu Elizabeth. - Nenhum motivo não ousará, não poderá negar que foi o principal, senão o único, agente na separação dos dois, e o responsável por expor um á censura e ao ridículo do mundo por capricho e instabilidade, e outro ao escárnio pela decepção de suas esperanças, envolvendo ambos numa situação extremamente embaraçada. Ela fez uma pequena pausa e viu, com grande indignação, que ele a escultava com ar de quem não sentia remorso. Olhava-a, até, com um sorriso de incredulidade afetada. — Acaso nega o que fez? - Replicou ela. Com uma fingida tranquilidade, ele então respondeu: Não desejo negar que fiz tudo o que pude para separar meu amigo de sua irmã, nem negarei que me alegro com êxito. Fui mais providente com ele do que comigo mesmo (AUSTEN, 2018, p. 122).

Os dois foram um dos casais mais importante e emblemáticos da trama, no final essa desigualdade social não foi motivo suficiente para separá-los. Essa situação é mais um dos fatos sociais que eram obstáculos reais para os relacionamentos românticos das personagens.

Em suma, *Orgulho e Preconceito* é uma trama literária que submerge de forma profunda nas complexidades dos fatos sociais na aristocracia inglesa do século XIX e que representa de forma clara essas raízes da sociedade. Para Zardini (2013, p. 5), “Elizabeth Bennet [...] representa a ‘voz feminina’ [cujo] ponto de vista narrativo é usado para identificar o lugar das mulheres na sociedade ou mostrar a situação de vida de grande parte delas. Ao desenvolver suas personagens, Austen faz com que estas passem por situações que podem levá-las ao crescimento intelectual e racional”. Daí, acreditamos que essa construção filia a criação personagem à modernidade.

A autora destaca como esses fatos sociais moldavam as vidas e as escolhas dos personagens, muitas vezes à custa de sua felicidade pessoal. A obra continua a ser um estudo fascinante das complexidades da sociedade da época, e suas reflexões sobre os fatos sociais permanecem relevantes até os dias de hoje.

Assim, Austen de forma capacitada tece uma história rica em detalhes que tem como peças-chaves o casamento, a herança, a reputação e a hierarquia social que moldavam a vida e as escolhas dos personagens. Seu posicionamento crítico social que é esboçado de forma sutil e continua a ressoar com leitores de todas as épocas, pois essa trama tem como base a demonstração desses modos de vida que é vivenciado pelas personagens dentro dessa sociedade aristocrática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos analisar os Estilos literários ingleses e a sociedade e todo o processo que envolveu a formação feminina das personagens com foco principal dentro de um contexto vivenciado no período veemente da Aristocracia na época da obra. Tendo como proposta base a investigação de como cada estilo foi de fundamental importância para todo o processo literário do momento histórico e como cada um deles foi de grande relevância para o processo literário no cenário atual da literatura. Além de toda representatividade e vivência feminina na obra e como todas foram afetadas pelos círculos sociais.

Procuramos da ênfase de forma específica em cada estilo literário inglês, até chegarmos à figura central do trabalho a obra *Orgulho e Preconceito*, e suas personagens. Com todo processo de evolução e alguns autores que marcaram de forma relevante o processo de cada modelo e respectivamente sua época e como cada um dos personagens tiveram ideias inovadoras que reflete até os dias presentes e como cada personagem foram e são símbolos tão atuais.

Por meio de pesquisas o processo cronológico foi recriado primando por detalhes, com o objetivo de demonstra o valor de cada obra, usamos livros por meio de citações de literários Ingleses, figuras notáveis. Os livros são as principais ferramentas de propagação de ideias e visão que transformam tudo que nos cerca até hoje.

O romance **Orgulho e Preconceito**, de Jane Austen é, sem dúvida, a representação da sociedade aristocrata e burguesa do século XIX na Inglaterra. Por isso, nossa pesquisa se debruçou sobre a personagem. A partir de Elizabeth Bennet, podemos evidenciar a representação da sociedade inglesa, costumes e pactos sociais, destacando o papel de Elizabeth como sujeito oposto aos padrões sociais e culturais da época. Tudo isso se dá, ao nosso ver, porque a personagem transita entre as propostas do romantismo, do realismo, e ganha foco de modernidade.

Aqui podemos ver tudo o que cercou o comportamento aristocrático o posicionamento que tanto afetou as personagens, sendo detalhadas de forma expressiva devido à característica inovadora e toda melancolia do Romantismo. É possível vermos um personagem principal com ideias fortes e falas bem aguçadas e que muitas vezes podemos ter contato com relances do realismo, devido alguns caratês descritivos e a riqueza de detalhamento aonde a escritora pode mostrar a rotina, o cotidiano e lugares, cenários vividos por Elizabeth.

Jane Austen faz duras crítica a todo o modelo imposto por toda sociedade de ideias aristocrática para isso ela usa também como uma das suas principais ferramenta linguística a

ironia, tendo como foco o casamento e toda a questão que envolve o dinheiro e posse, isso sendo o motivo para todos os relacionamentos amorosos da época.

O romance retrata vários pontos importantes que eram frequentes naquela época, como a desigualdade de gênero e de classes. Se tornando uma obra que fugia do padrão que a sociedade tanto preservava. Austen, fazia de certa forma um relato do que acontecia em sua vida pessoal.

Além do domínio da técnica do romance moderno, Austen inova ao criar personagens reais, tanto femininas, quanto masculinas, no final do século XVIII e começo do século XIX. Para o curso e formação principalmente, os estudos literários são importante para o estudo das literaturas inglesa, brasileira, latino-americana, como já pontuado anteriormente com relação às de época e na contextualização histórica e cultural, pois esse estudo, ao nosso ver, fornece os estudantes e lhe dá uma compreensão da cultura literária, da leitura do cânone, permitindo entender como as influências culturais e sociais constroem a escrita, a sociedade e formação sociocultural de um povo.

Sendo assim, o romance propõe por meio de suas personagens uma reflexão sobre a natureza humana, a sociedade e seus valores morais e éticos, como a protagonista Elizabeth que com sua ironia desafiava as convenções sociais da época e as questionava.

Por fim, podemos trazer para os dias de hoje não só os estilos literários, sociedade e cultural, mas tudo que cerca a ideia do **Orgulho e preconceito**, pois essas amarras podem ser motivos para nos importar com o texto literário, seja ele estrangeiro ou brasileiro. Assim, a análise de uma obra deve ser estimulada, porque os estudos podem ser um reconhecimento às descobertas das mazelas sociais. Esse livro e tudo que cerca os estilos da literatura inglesa pode e dever continuar a ser explorado por estudantes dos cursos de Letras, pois existem muitos outros pontos a serem visto diante de novos estudos.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Karina. **Literatura inglesa**. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Cotia: Editora Pé na Letra, 2018.

BARROSO, Ivo. Jane Austen, *a boa tia de Steventon*. In.: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução Celina Portocarrero. Porto Alegre: L&PM, 2010.

BURGUESS, Anthony. **A Literatura inglesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro & LAGO, Neuda Alves do. As mulheres em Orgulho e preconceito: representação feminina no romance austeniano. **Revista Humanidades e Inovação** - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.01, 2022.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da literatura inglesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CHANNEL BRASIL, History, **É Publicado “1984”, Livro de George Orwell**, History Chanel Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.canalhistory.com.br/hoje-na-historia/e-publicado-1984-livro-de-george-orwell>. Acesso em 2 de setembro de 2023.

DURKHEIM, Émile. **As regras dos métodos sociológicos**. 9. ed. Barcarena: Editorial Presença, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

MAGALHÃES, Leopoldo Doray, **Beowulf, a épica anglo-saxã e o tema do cantor**. Língua, Literatura e Ensino, v.3, p. 290, maio de 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/lle/article/viewFile/81/67>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

MARY, Shelley. **Frankenstein ou moderno Prometeu**. Agrupamento de Escola Tomás Cabrera, 2012. Disponível em: <https://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/download/565/Frankenstein%20-%20Mary%20Shelley.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2023.

SOUZA, Warley. **Literatura inglesa. Brasil Escola**, 2023. Disponível em: <https://www.brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-inglesa.htm>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

SANTANA, Ana. Realismo inglês. **Info Escola**, [s.d]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/movimentos-literarios/realismo-ingles/>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZARDINI, Adriana Sales. A identidade feminina na obra *Orgulho e preconceito* de Jane Austen. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.